



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII * Novembro/Dezembro de 1986 * N.º 11 e 12

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Novembro/Dezembro de 1986

N.ºs 11 e 12

SUMÁRIO

Página

Figuras do Passado: Henrique Voigt — Por Rolf Cdebrecht	318
Subsídios Históricos — Coord. e tradução: Rosa Herkenhoff . . .	319
Blumenau mais uma vez campeã dos Jogos Abertos — Redação	320
A História de Blumenau na correspondência dos Imigrantes (1853)	321
A Trajetória Constitucional Brasileira da Constituição de 1824 aos nossos dias — Carlos Alberto de Melo	332
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	332
Engenheiro Blumenauense é Cidadão Honorário de Londrina — José Gonçalves	335
Contribuição à história da colonização polonesa — B. Mróweynski	336
Cancioneiros do Passado	343
O último Capitão-mor de São Francisco do Sul	344
Da Agenda do meu Avô — Ruth Sallientien	350
A evolução do ensino público e particular - "Blumenauer Zeitung"	353
A Colônia Príncipe D. Pedro — Aloisius Carlos Lauth	363
Aconteceu — Outubro de 1986 — José Gonçalves	371
A nossa mensagem	373

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cz\$ 30,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Henrique Voigt

(Por Rolf Odebrecht)

Com o transcurso do centenário do nascimento, em julho último, é justo que seu nome seja lembrado e receba as homenagens de que é merecedor.

Henrique Voigt foi constituinte por Rio do Sul e, evidentemente, pelo Alto Vale do Itajaí. Foi eleito por meio de sufrágio universal em 1934 pelo Partido Republicano, assumiu seu lugar na Assembléia Constituinte e participou ativamente na elaboração da Constituição do Estado, cuja promulgação se deu em 25 de agosto de 1935. A partir dessa data passou a representar o Alto Vale, bem como o Médio Vale do Itajaí na qualidade de deputado estadual, na Assembléia Legislativa, até o golpe de 11 de novembro de 1937.

Henrique Voigt nasceu em 13 de julho de 1886 no povoado de Warnow, atualmente pertencente ao município de Indaial, filho de Wilhelm (Guilherme) Voigt e de Maria, nata Kuehl. O interesse pela política e representação popular aprendera de seu avô Richard Voigt, imigrante que veio da região de Solingen (Alemanha), que por duas legislaturas foi conselheiro municipal de Blumenau (vereador), de 1895 até 1899 e de 99 até 1902, e numa foi seu vice-presidente.

Após cursar escola em Warnow, Blumenau e Florianópolis, e se formar em contabilidade, passou a percorrer vastas regiões de Santa Catarina na qualidade de caixeiro-viajante.

Em 1920, casou com Ida Schlemm, filha de ilustre e importante família joinvillense, e se associou ao comerciante e industrial Oswaldo Odebrecht, com estabelecimento comercial e industrial na Barra do Trombudo, município de Rio do Sul. A empresa, com forte casa de secos e molhados, pequena farmácia, dois engenhos de farinha, duas serrarias e beneficiamento de erva mate, foi o ponto central do Alto Vale nos anos de 1920 até 1940, ao lado da forte casa comercial Schroeder em Lontras, de comércio e troca de mercadoria com a zona colonial e com os tropeiros dos campos de Lages e Curitibaanos.

Interessante é observar que na época o comércio forte do Alto Vale se localizava em Lontras e na Barra do Trombudo, e só depois de 1930 o da cidade de Rio do Sul, bem como o de Trombudo Central, começou a crescer e pegar importância.

Henrique Voigt, depois de longo período de enfermidade, faleceu em 20 de setembro de 1948, na Barra do Trombudo, e seu corpo jaz no cemitério evangélico de Rio do Sul.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do livro "Aus der Vergangenheit der Blumenaener Strasse im Municip Joinville" (Do Passado da Estrada Blumenau no Município de Joinville) de autoria de João Krisch, publicado em 1937 numa edição de apenas 20 exemplares e dedicada à sua filha, D. Hilda Anna Krisch. Em seu trabalho o autor nos conta das dificuldades com que seus avós e seus pais, imigrados em agosto de 1863, lutaram depois de estabelecidos à Estrada Blumenau, na época picada Blumenau.

O relato abaixo foi dedicado à sua irmã Clara Krisch Bornschein.

NATAL DE 1875

Meio-dia. Véspera de Natal. Laura, Emma, Mupple e Jacob têm licença de brincar com os amiguinhos, como se fosse domingo.

— Filho, me diz papai, ficas em casa hoje, já que não acreditas mais em Papai Noel, podes me ajudar um pouco.

Mal os irmãos acabam de sair, meu pai me entrega um machado e ele mesmo pega um serrote e um facão.

— Lá em frente da casa do Henning derrubamos ontem o mato para preparar uma roça. Lá encontraremos alguma coisa.

Uma hora mais tarde. No engenho reunimos todos os galhos bem tortos e cheios de musgo. Uma roda solta de um carrinho é rodada para dentro de casa e o galho maior fincado bem no meio da roda, os outros galhos pregados em diversos sentidos no tronco. No centro, pendurado no teto, um cacho de palmeira (palmito) em flor.

— Corre até a represa, sobre o muro tem um apanhado de abacaxis silvestres e uma porção de musgo, pega tudo, enquanto eu corto o rolo de cera em pedaços e colo as veinhas na árvore.

Amarramos os abacaxis com cipó, fazendo a roda desaparecer completamente. Com o musgo disfarçamos os lugares dos pregos e os espaços vazios. A árvore ficou tão natural, como se tivesse crescido assim. Meu pai disse:

— Vai apanhar a sovela para furar os "Pfefferkuchen" (biscoitos de mel). — Não era lá um trabalho muito agradável, pois os biscoitos quebravam constantemente e a sovela cortava a minha mão esquerda. Ainda mais: até os pedacinhos tinham de ser furados, para serem pendurados na árvore! Depois de meia hora, todos os biscoitos, os pedacinhos e a palma da minha mão esquerda estavam furados! Enfiamos os biscoitos num barbante e os penduramos ao redor da árvore, em diversas alturas, nos galhos. Estava pronta a nossa árvore de Natal. Os presentes foram escondidos no meio dos abacaxis. Enquanto isso, anoitecia. As crianças voltavam ansiosas, mas não encontraram nada mudado. Os trabalhos habituais da tardinha tinham que ser feitos como sempre. Estão todos um pouco decepcionados. Mas — a porta da sala está fechada! Papai Noel vem? Ou não vem? Ninguém o sabe! O nervosismo aumenta. Papai Noel vem? Alguém diz que é

provável não vir, senão já estaria aqui, pois já está escuro. Papai entra, vai para um lado, para outro, sai pela porta dos fundos. De repente o tilintar de uma sineta! Todos correm para a porta. Mais um toque de sineta e pouco depois, pela terceira vez. Todos ansiosos, empurram a porta e ouve-se um "Ahhh!" A árvore de natal com suas luzes acesas! Os mais novos boquiabertos, só vêem a árvore, os mais crescidos correm para perto dos abacaxis, pois já sabem que Papai Noel esconde os presentes sempre ali. Dentro de um minuto, os abacaxis estão revolvidos e em estado lastimável.

Todos estão felizes com os seus presentes. Cada criança ainda ganha dois ou três biscoitos de mel. Nozes, etc., o que hoje em dia é indispensável em uma noite de Natal, nós não conhecíamos nem de nome. As velinhas estão queimadas pela metade e como a árvore ainda será acesa na noite de São Silvestre as luzes são apagadas. A família ainda fica reunida à claridade da lâmpada de querosene. Pouco depois, as crianças vão dormir. As meninas, felizes, carregam as suas bonecas, de cabeça de porcelana, já de anos anteriores, mas enfeitadas de vestidos novos pela mamãe, os rapazes levam o seu pião e as figurinhas de 40 Réis a folha (2 vinténs) e livrinhos de figuras de 9 e 10 vinténs. Mamãe e Papai ainda conversam algum tempo, recordando a sua infância...

Encontra-se no Arquivo Histórico de Joinville um exemplar do livro acima referido.

BLUMENAU MAIS UMA VEZ CAMPEÃ DOS JOGOS ABERTOS

Iniciados dia vinte de outubro e encerrados dia 27, tendo por palco a cidade de Joinville, os XXVI Jogos Abertos de Santa Catarina, que tiveram participação expressiva das cidades catarinenses, apontaram, pela 19.^a vez consecutiva, como vencedora a equipe blumenauense, nas diversas modalidades disputadas. Foi mais um estrondoso êxito dos jovens atletas blumenauenses que, bem preparados, ratificaram, nas disputas, as previsões anteriormente existentes de que Blumenau, mais uma vez, reafirmaria a hegemonia.

Desta feita, Blumenau conseguiu um total de 255 pontos, enquanto que o segundo classificado, Joinville, alcançou 178 pontos, ficando em terceiro lugar Florianópolis, com 98 pontos. Blumenau conquistou nada menos que 16 troféus, contra 6 de Joinville, segundo colocado. Conquistou 72 medalhas de ouro, 28 de prata e 32 de bronze, num total de 132 medalhas, contra 33 de ouro, 23 de prata e 27 de bronze, conquistadas por Joinville, segundo colocado, num total de 93 medalhas.

Os atletas blumenauenses, como tradicionalmente tem acontecido, foram recepcionados com o maior carinho e entusiasmo pelas autoridades lideradas pelo prefeito Dalto dos Reis e os aplausos entusiásticos do povo.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

(Escrita anteriormente à que já foi publicada)

“Colônia Blumenau, 28 de julho de 1853.

Querido e amado pai!

Minha primeira carta, que enviei a cerca de 14 dias espero que a tenham recebido. Nesta carta pude comunicar que após uma viagem relativamente boa, chegamos depois de 58 dias no porto de São Francisco, como também alguns aspectos sobre a Colônia Dona Francisca. Hoje já posso contar-lhe sobre outras coisas mais importantes.

Um passo muito importante para meu futuro foi dado: eu comprei um lote de terra. É a terra de Paul Kellner que o mesmo comprou de Sallentien e agora me pertence. O terreno tem uma área de 400 Morgen pela medição de Magdebur = a 600 Morgen de Braunschweig. Está localizado cerca de 1 hora do Rio Itajaí acima, na margem esquerda próximo à Colônia Blumenau. É o último pedaço de terra cultivado e pode ser alcançado do outro terreno de Paul, por canoa numa viagem de meia hora. A terra é excelente, uma das melhores disponíveis em toda a colônia. Localiza-se mais ou menos 30 pés acima do rio, desta forma está a salvo de qualquer inundação. A partir dali, fora uma pequena elevação, que é ótimo para um cafezal, o terreno é plano. Já por este motivo tem seu valor, pois poucos terrenos têm esta vantagem. A frente do terreno tem cerca de 400 Braças, portan-

to, bem significativo. É ótimo para toda cultura, em especial cana-de-açúcar e, onde cresce esta, também se pode plantar outras coisas. Vinte morgen já foram limpos e dez plantados com cana-de-açúcar. A safra desta posso preparar no próximo mês de julho para o açúcar. A plantação de cana está tão bonita e a terra já limpa de ervas daninhas. Também tenho alguns pés de café e principalmente bananas; plantei também um grande pedaço de terra com Inhame que é uma excelente ração para os porcos. As batatas são cozidas e dadas aos porcos, por isto logo vou comprar dois animais. Uma confortável casa está construída e protegida com um bom telhado de folhas de palmeiras e nos próximos anos, não terei que fazer reparos.

A casa tem uma sólida porta, janelas que à noite são trancadas. Quando se entra em casa, do lado esquerdo tem um bom assoalho e pretendo transformar esta parte em salinha de estar e dormitório. Logo à direita da porta encontra-se um fogão tendo como suporte 4 troncos de palmeira, e do mesmo lado uma larga tábua sobre a qual está todo o utensílio de cozinha. Nos fundos uma longa mesa e um banco. Logo que conseguir boas tábuas quero completar o assoa-

lho, como também fazer uma escada e um sótão onde poderei armazenar a colheita como milho, feijão, batatas, etc. A segunda construção é apenas um rancho destinado ao preparo de açúcar. Por tudo isto que acabo de relatar pago ao Paul a importância de 1000 réis. Logo que eu receber do Dr. Blumenau as respectivas promissórias, pagarei ao Paul, primeiro 300 mil réis para que eu ainda tenha uma reserva de 400 para o início, 600 mil réis peço que pague ao Theodor Kellner e prepare o dinheiro para que possa pagá-lo já na Páscoa, mas talvez não seja preciso. Paulo quer por esta soma, aparelhos e talvez vá à Alemanha no próximo ano para buscar uma esposa. Se isto acontecer, precisarás pagar somente então e caso não, certamente pedirá a seu irmão que este lhe envie os aparelhos pedidos e então terás que pagar na Páscoa. Este contrato de compra foi muito vantajoso, pois é sem juros e o dinheiro pode ser depositado na Alemanha o que é muito importante. Nas notas promissórias de lá, uma soma de 500 Marcos, quase 50 se perdeu. Por esta razão, mais uma vez quero apelar para sua bondade, já que o senhor escreveu ao Dr. Blumenau dizendo que esta soma ainda estava à minha disposição.

Dr. Blumenau muito aconselhou-me para comprar este terreno e fazer esta forma de contrato porque seria mais vantajoso para mim. Também me disse que seria melhor comprar a terra agora antes que uma grande leva de imigrantes chegasse e as terras subiriam de preço e principalmente pela ótima localização. Dos 10 Morgen plantados com cana-de-açúcar, no próximo

ano certamente obterei 30 galões de açúcar e com as sobras prepararei aguardente que cobrirá a despesa. Espero, portanto, no próximo ano, se eu tiver bons aparelhos, ganhar 300 mil réis. Combinei agora com o Paul o seguinte: ele ficará comigo, junto com Adolph, gratuitamente, por mais quatro semanas, para me por a par de tudo. Ainda ajudará a preparar um pedaço de terra para o plantio de batatas, feijão e milho, tudo que posso colher dentro de seis meses. Nestas quatro semanas muito ainda terá que ser feito e você, meu querido pai, com toda sua bondade, deve reconhecer que comprei uma terra boa e por um bom preço. Também Dr. Blumenau ofereceu duas de suas colônias, por um preço mais barato o Morgen por apenas 1 mil réis. Infelizmente estas terras têm muitas elevações e não estão localizadas à margem do rio. Quando porém lhe comuniquei que Nahrwold viria no próximo ano, aconselhou-me então a comprar a terra de Kellner. Ele é um homem excelente, modesto, correto e um ótimo conselheiro para seus colonos. Dr. Blumenau é um verdadeiro pai para todos nós; assim também foi para mim. É um homem que dificilmente posso descrever, de grande bondade, muito entusiasmo, trabalhando desde à manhã até à noite incansavelmente para sua obra. Vive como um colono numa cabana de barro, com uma pequena janela. Apartidário em todo sentido, tanto auxilia o pobre como o rico com seus conselhos, mesmo sabendo que pouco ou nada pode esperar como recompensa.

Para facilitar a vida de seus colonos, compra os alimentos em

grande quantidade para poder revendê-los mais baratos e muitas vezes sofre grandes prejuízos. Para animá-los e fortalecê-los para piores tempos como também preservá-los de atos impensados, circula diariamente entre eles. Come com eles o feijão mal cozido e bebe da mesma vasilha. Sim, este é um homem que aqui tem seu lugar. "Deus que o conserve por bastante tempo", esta é provavelmente a oração diária dos colonos, que o admiram realmente. Para mim é de verdade uma grande felicidade ter um homem como ele ao meu lado. Ele me ofereceu árvores como macieiras, uvas, limões, figos e chá para plantar e eu vou aceitar a oferta. Agora alguma coisa sobre o futuro. A cana-de-açúcar colherei em julho de 1853, e será então a segunda colheita. A cana é cortada cerca de meio pé da terra, limpa das folhas e levada de carroça para a moenda. As raízes dos pés antigos ficam na terra, brotam novamente e representam a segunda safra. As primeiras duas levam cada uma ano e meio para alcançarem o ponto de colheita; a terceira, quarta, quinta e sexta só precisam de um ano. Desta forma a família Schramm já fez a quinta colheita das primeiras plantas e a cana está crescendo maravilhosamente. Resolvi colher meia plantação de cana por três vezes e depois da quarta, transformar tudo em um pasto. É feito da seguinte maneira: depois da colheita a terra é limpa, queimada e afogada; depois, planta-se uma grama local e deixa-se crescer à vontade. A grama cresce em abundância e transforma-se numa linda pastagem para o gado, cavalos e ovelhas. Em de-

zembro pretendo limpar um novo pedaço de floresta de cerca de 6-8 Morgen. Queimar e em janeiro e em fevereiro plantar com cana-de-açúcar, milho, feijão e batatas. Lógico, também culturas de boa renda. Quando tiver tempo e dinheiro pretendo plantar no meu morro, pés de café, pois isto pode ser feito em qualquer época do ano.

Também fumo, indigo, canela, pimenta e cravo é lucrativo. Porém, no momento, tenho que pensar em algo que dê dinheiro mais rápido. Com 400 mil réis estou iniciando; contrato um velho alemão que conhece bem o trabalho, lhe dou ainda alimentação. — neste tempo de carestia cerca de 16 vinténs por dia, — isto para nós dois são 19 mil réis por mês. Esta conta é muito alta. Como ordenado e alimentação, preciso no mínimo o primeiro ano 250 mil réis, mais maquinário 10 mil réis, num total de = 260; 2 porcos, galinhas e marrecos total = 280 mil réis; depois 2 bois a 50 mil réis; total = 380 mil réis. Falta ainda a moenda e o tacho para o preparo do açúcar. A primeira de madeira custa aqui 80 mil réis; o último precisa ser de cobre e custa 120 mil réis. Quando Nahrwold vier, com o que eu conto com certeza, ele pode aceitar esta terra comigo em companhia e trazer logo da Alemanha uma prensa para a cana e preparo da aguardente. Este aparelho pode muito bem ser construído pelo caldeireiro Himmel em Braunschweig. Mandar construir por um outro fabricante seria muito arriscado, porque lá não conhecem as condições de vida aqui. Ainda consultarei aqui um doutor que fará desenhos

de cada peça e Nahrwold lá pode mostrá-los a engenheiros. Teria 600 Thaler para empregar, e ainda lhe enviarei nomes de vários fabricantes. Ainda escreverei a Nahrwold com mais detalhes.

Agora, no que se refere à nossa sociedade, gostaria de logo falar a este respeito. Ele logo pode tomar posse da minha terra e ambos teremos o suficiente. Caso precisarmos de mais, está logo abaixo do meu, o terreno de um brasileiro e logo acima as terras do Dr. Blumenau. Portanto, para comprar, sempre tem alguma terra disponível. Teríamos que nos unir pelo menos por 4-5 anos. Ele assumiria minha terra e paga o preço de compra atual, isto é, cerca de 500 mil réis a sua parte. Reembolsa o que eu neste meio tempo fiz de melhorias, o que foi cultivado e colhido, inclusive meu trabalho. Teremos que dispor tudo de forma que será dividido legalmente e fraternalmente em partes iguais.

No que se refere agora à vinda de uma família, isto é muito conveniente, se Stiene casar com um homem correto e de confiança. Então deixem que ela venha. Caso não tenham dinheiro suficiente para a vinda, empresta-lhes o dinheiro primeiro. Caso você tenha que pagar tudo, o homem

terá que se comprometer a pagar trabalhando 18 meses pela dívida e a outra metade pelo ordenado habitual daqui. A mulher terá que ficar na minha propriedade por 2 anos e fazer todos os trabalhos domésticos. Ao mesmo tempo terá que cuidar de seu marido e filhos.

Caso Nahrwold não venha, o que não espero, poderão receber 50 Morgen de terras, que pagarão com seu trabalho. Se ele vier, nada lhes posso prometer, no entanto, farei todo o possível.

Você, no entanto, envia esta família. Se já perderam o interesse procure localizar uma outra. O homem, se for um artesão ou tenha outra profissão, tanto faz; mesmo que tenham uma dúzia de filhos, envia-os, mas que o risco para mim não seja muito grande. Na minha casa tem lugar para 20 pessoas. O que agora se refere ao trabalho dos artesões, todas as profissões encontram na colônia e nas redondezas campo suficiente para trabalhar e ganhar dinheiro. No entanto, sapateiros e alfaiates vêm em primeiro lugar.

O couro aqui é bem barato e o calçado caríssimo; é quase impossível se conseguir. Aqui na região do rio só trabalham 2 sapateiros que mal podem vencer

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

as encomendas, razão porque você deveria deixar Carl Meier vir para cá. Ele aqui no centro urbano, compra um terreno ajardinado de 1 Morgen por 25 mil réis, constrói uma pequena casa e vive como um deus. Terá mais trabalho do que pode vencer e se for trabalhador fará um bom dinheiro. Uma coisa, no entanto, terá que fazer: trazer toda a ferramenta e couro de adorno; as solas aqui são mais baratas do que lá e um par de sandálias para os ricos brasileiros aqui custa de 5-6 mil réis e é muito usado.

Ao mesmo tempo não se deve esquecer de trazer uma boa dona-de-casa, pois esta aqui é o melhor capital. Façam com que Meier venha na próxima primavera que ele não se arrependerá. Carpinteiros, serralheiros e principalmente marceneiros ainda são muito procurados aqui. Se aqui estivessem mais marceneiros seria uma grande ajuda aos colonos.

Voltando agora ao investimento de capital de 500 Thaler, estou disposto a pagar-lhe 5% de juros sobre o mesmo. Existe uma grande diferença em começar agora com menos ou mais de 500 Thaler, agora que a terra está tão barata. Comparando com os ordenados pagos, estes ainda são muito baratos. Chegou a hora de trabalhar e adquirir muito, para que se tenha o bastante, caso chegem outros tempos. Chegou o tempo para empregar todo o dinheiro que se ganhe e que se possa obter da terra. Aqui prevalece o lema: "primeiro semear para depois colher". Eu também não farei como tantos outros, que começaram tudo de uma vez só. Acho isto errado. Todos querem

ficar ricos de uma vez só. Gastam seu dinheiro e nada sai certo. A cultura da cana-de-açúcar atualmente ainda é a mais rentável e ainda continuará a ser nos próximos tempos. E por esta razão que quero empenhar toda minha torça neste ponto e ficar satisfeito com o lucro.

Dr. Blumenau é da mesma opinião; ele gostaria de enviar-lhe hoje também algumas palavras mas o tempo é curto e ele pede para desculpá-lo.

Caso Nahrwold venha e traga mais algum dinheiro, poderemos atacar este assunto com força. E de tal maneira que ambos colheremos cerca de 20 Morgen de cana-de-açúcar. Se houver dinheiro também será uma boa oportunidade preparar um bom pedaço de pasto e colocar nele algum gado. A experiência mostrou que as vacas que recebem diariamente uma certa ração de mandioca produzem tanto leite como na Alemanha.

Sallentien obteve desta forma um excelente lucro de uma vaca que anteriormente era improdutivo, e pode ser ordenhada quase pelo ano todo.

Quando, no entanto, se pensa em obter uma boa qualidade de gado, então deixa-se permanecer o bezerro junto à mãe o maior tempo possível. Recebe então menos leite, mas com os anos esta situação muda. É preciso, portanto, renunciar no princípio a muita coisa confortável. Assim, temos aqui no rio Itajaí, alemães que chegaram há 25 anos passados e hoje têm seu leite, manteiga e queijo como na Alemanha. Seria porém muito bom se Nahrwold trouxesse uma porca e um bom reprodutor. Deveriam ser

pequenos e de raça boa; os daqui são curtos e não alcançam bom peso. O risco no navio não é grande; ficam bem acomodados e geralmente engordam, enquanto o transporte de outra espécie de gado geralmente é arriscado. Em especial o de ovelhas, razão porque quero desistir destes, mas porcos eu gostaria de ter. Caso Nahrwold não queria assumir o risco, envia-os para mim assim mesmo.

Na carta anterior escrevi que Nahrwold trouxesse uma esposa e sobre este assunto queria falar novamente, pois é muito importante. Pode e deve ser uma moço do nosso meio; ela precisa apenas assumir as atividades domésticas principais. Não precisa ordenhar vacas, nem alimentar porcos, só se quiser fazer este trabalho. Deve cozinhar e cuidar da roupa. Fora disto terá uma vida confortável e agradável. Ao mesmo tempo se não é dada a bailes, concertos e teatros, encontrará aqui uma vida calma e tranqüilidade familiar que substituirão a agitação e outros divertimentos no mundo. Sim, é verdade, é uma mordida azeda na massa para uma jovem, mas não há outra maneira e uma propriedade sem mulher é coisa insustentável.

O que eu não daria para ter comigo a mulher que eu gostaria de ter e só em imaginar uma polaca (são as brasileiras daqui) eu me sinto enjoado; então eu pobre diabo terei que esperar até que um dia viaje para a Alemanha. Faça todo o possível para influenciar Nahrwold neste sentido.

No que se refere a meus objetos que trouxe, todos chegaram

bem. Só a cúpula da minha lâmpada quebrou. Caso ainda venham outras pessoas conhecidas, o que eu sinceramente espero, então é bom forrarem suas caixas de viagem com lata, pois o clima aqui é um pouco húmido.

Agora meu querido pai, que escrevi detalhadamente, espero receber logo uma longa carta sua com o próximo navio. Me faça tantas perguntas quanto quiser que eu as responderei. Antes que eu me esqueça, na próxima carta relatarei sobre as diferentes culturas daqui. Escrevi o mais importante; nas outras cartas fornecerei mais detalhes. Não se preocupem comigo, sejam alegres e felizes e não pensem em meu destino, que é melhor do que esperavam. Estou alegre, contente e feliz, enfrento o futuro com vontade férrea e esperança.

Se eu um dia fraquejar sob a carga demasiada, tenho aqui um grande amigo que considero como e pai e que zela por mim. Que Deus nos proteja a todos e nos abençoe. Meus queridos, sejam felizes pensem em mim, escrevam muito pois será minha maior alegria. Mais uma vez Deus os abençoe.

Milhares de beijos através do oceano, envia seu

filho fiel

Julius Baumgarten."

Meu endereço:
Jul. Baumgarten
por navio via Inglaterra
Colônia Blumenau
Província Sta. Catarina
Brasil".

(Tradução: Edith S. Eimer)

(Continuação da carta de Julius Baumgarten
publicada no nº. 8 - agosto de 1986)

A construção do moinho naturalmente ficou atrasada e creio que até fins de março ou princípios de abril não será terminada. O preço das tábuas ainda continua alto e seria bom se assim continuasse por mais algum tempo. Principalmente agora que estamos mais carregados com dívidas pois teremos que pagar aos herdeiros de Nahrwold. Nós vamos escrever aos parentes dando notícias da desgraça ocorrida e comunicar que sobre o capital pertencente a Nahrwold pagaremos 8% de juros. Ao mesmo tempo quero saber o que eles pensam a respeito do dinheiro, porque nosso negócio é novo e não podemos dispor já desta soma e precisamos pelo menos de meio ano de prazo.

Agora mais respostas às suas perguntas: Starke conseguiu logo abaixo do moinho um pedaço de terra de 50 Morgen por 160 mil réis. Desta forma mora bem perto de nós e trabalha ainda no moinho, cuidando aos poucos de sua terra. A propriedade de Paul estava primeiro bem trabalhada, mas ele a abandonou e nós ainda não conseguimos prepará-la, a não ser plantar inhame para os porcos.

A roça não preparamos este ano, pois faltam homens para trabalhar. No próximo ano, no entanto, temos que trabalhar em dobro. Com o primeiro navio que deve chegar na primavera, Wendeburg espera um amigo bem situado e a este pensamos vender

nossas terras. Porém, reservaremos a madeira para nós. Uma dupla administração doméstica é muito dispendiosa e o trabalho nos dois locais, prejudicados. Além disto, os negócios estão aumentando e nós dois mal conseguimos supervisioná-los. Um de nós precisa viajar constantemente, pois junto à serraria queremos instalar um moinho de fubá, para não precisar comprar este produto que em verdade sai caro. O nosso moleiro vai instalar este moinho por 200 mil réis e ainda fornecer pedras e as ferragens. Este moinho será pequeno, mas mesmo assim, em 12 horas, terá que fornecer de 7 a 8 sacos de fubá. Como é pago por saco, 40 vinténs, bem podes imaginar o nosso lucro. Na época da colheita do milho, para quem viaja, pode fazer bons negócios: comprar o milho barato, moer e vender para Santa Catarina. É preciso porém ter tino comercial para este negócio, pois não estamos só absorvidos pela agricultura. Com as viagens pela colônia também compramos carne em quantidade maior e, às vezes, também bois para o trabalho na lavoura e moinho. Se verdermos bem uma parte, devemos preocupar-nos em instalar também uma serraria. Existe um excelente riacho, para este fim, na Colônia Blumenau, mas por ora é apenas um projeto. Existem outras excelentes oportunidades na colônia; não só a lavoura, assim por exemplo um açougue seria ótimo negócio. Ain-

mos a aguardente. Nós a armazenamos em tonéis de madeira que vem nos navios e podemos comprar nos portos. Cada barril comporta 700 a 720 garrafas e custam 5 a 10 mil réis. Estes barris são fáceis de encontrar em Santa Catarina. Se nós não vendermos a nossa terra acima da atual, no ano que vem teremos que comprar mais 6 barris. Queremos desta vez aproveitar mais açúcar do que cana, porque exige menos trabalho e é mais rendoso.

A água potável aqui é muito boa, só no verão a água do rio fica mais quente, e então a misturamos com água da fonte, quando se torna fresca e gostosa. Estas fontes encontram-se em grandes quantidade nas terras.

Meu plantel de animais subiu agora para 6 bois, 12 porcos já com cria, 70 aves, 4 cachorros e 2 gatos.

Agora querido pai eu me despeço, viva bem e mais uma vez obrigado pelo dinheiro que enviou. Dê lembranças a todos os amigos e receba um abraço deste filho que o ama e respeita.

Julius

**Em tempo — anexado à mesma carta de 25/1/1855.
(Do dia 10 de fevereiro de 1855)**

Nestes últimos dias aconteceu nova mudança em minha vida e que eu me vejo na obrigação de comunicar a você já nesta carta. Porém, leia primeiro tudo com atenção antes de julgar. No dia 4 de fevereiro eu noivei com uma jovem muito simpática de nome Gretchen Wagner. A vida de solteiro aqui é horrível, acredite, principalmente para quem está firmemente resolvido a ficar na

terra, como eu, distante de pais e irmãos. Já antes da morte de Nahrwold eu estava decidido a dar este passo. Nahrwold não só concordou com minha escolha como também afirmou que certamente viveria feliz com ela. Escolhi a data de 21 de janeiro para o noivado e desta forma logo casar. Infelizmente, 2 dias antes, aconteceu a desgraça com Nahrwold. No entanto, fortalecido pela perda do amigo, decidi concretizar este acontecimento. Foi ela que estive nestes dias trágicos ao meu lado, consolando-me. Sim, fui obrigado a procurar no ente feminino que correspondia ao meu amor, e somente ela seria capaz de salvar-me. A morte de Nahrwold me atingiu profundamente e eu estaria perdido se não fosse ela. Ninguém poderia substituí-la não ser ela com seu carinho e amor. Não pense, querido pai, que fui guiado apenas por um capricho de jovem. Oh! não. Refleti muito a respeito e não foi um passo impensado. Eu realmente não quis sacrificar minha liberdade de jovem, mas não foi possível e peço aqui sua bênção. Não pude mais esperar com meu pedido, pois do contrário ela teria se tornado noiva de outro e já havia 3 ou 4 pretendentes à espera. Um ano e meio eu já vinha notando sua presença, mas procurava desviar-me dela. Mas foi impossível, a carne falava mais alto e a solidão também. O querido Nahrwold adivinhou minha situação e aconselhou: "Seu coração está doente, seu corpo sofre, cure as feridas antes que seja tarde, mesmo sem a apreciação de seu pai. Aceite este conselho do mais sincero e fiel amigo". Por este motivo querido pai não se zangue, mas abençoe. Esteja calmo, tranquilo

é feliz como eu. A vida de solteiro aqui era muito vazia, as diversões dos jovens eu não apreciava e também eram muito caras. Era quase sempre grandes bebedeiras nos botequins. Faltava-me uma família a quem me aliar. Minha noiva é tão culta como as moças de nossa classe social na Alemanha, mas é de natureza simples e sem fingimentos. Como ainda é muito jovem posso educá-la, o que também farei com prazer. Tem um espírito alerta e em nossa companhia, dentro em pouco, aprenderá o que for necessário. Eu precisava de uma mulher e uma alemã não me servia, pois as que tem aqui não servem, o que já foi mais do que comprovado. A minha Gretchen é diferente. Já nasceu aqui e não conhece outras condições de vida. Está na companhia dos pais e irmãos e educada desde pequena para o trabalho, já dirige agora a casa de seus pais já que a mãe é doente. Ela é muito bonitinha, e

tenho certeza que ela me fará feliz. Dr. Blumenau, a quem esperamos de volta do Rio de Janeiro por estes dias, já há muito gracejava comigo incentivando-me ao noivado. Oh! se eu pudesse enviar uma foto dela para que em seus olhos meigos vocês vissem estampada a sinceridade de seu caráter. Porém escreva-me logo para que eu possa saber se está satisfeito com esta minha decisão; não fique apreensivo a meu respeito, pois eu sei o que estou fazendo. Por coincidência, ao olhar o anel que você entregou-me como lembrança vejo, que noivei na mesma data que você.

Anexo a esta vai uma carta ao pastor Zaretsky que peço entregares. Todos os amigos aqui enviam lembranças e em especial minha querida noiva, que espero algum dia, apresentar a vocês.

Um abraço de seu filho

Julius

(Tradução de Edith Eimer)

A TRAJETÓRIA CONSTITUCIONAL BRASILEIRA DA CONSTITUIÇÃO DE 1824 AOS NOSSOS DIAS

A Constituição é a Lei fundamental e suprema de um Estado. Ela antecipa-se a qualquer outra norma de convivência entre os membros de uma Nação. A ela cabe definir exatamente sob que formas poderão ocorrer as relações entre os cidadãos.

A Constituição é a matriz onde estão definidas as formas para os cidadãos conviverem entre si, buscando a felicidade dos mesmos.

Ela, a Constituição, interessa prioritariamente aos cidadãos, mesmo porque todas as ocorrências havidas na Nação, interessam prioritariamente aos cidadãos.

Por interessar prioritariamente ao cidadão, a Constituição tem que ser formulada à vontade dele. Somente assim ela, Constituição, terá o caráter de legitimidade.

Pouco importa a existência de uma Constituição sem a qualificação de legítima. Ela estará sempre a serviço da(s) minoria(s) que a formulou. A ausência do caráter de legitimidade transforma qual-

quer Constituição em um ato de arbitrio. E o arbitrio não pode prevalecer numa sociedade democrática, pois a presença do mesmo garante a negação da democracia.

Ao cidadão cabe a busca permanente e prioritária de sua liberdade. Este é o princípio básico e fundamental que o ser humano deve buscar como ser racional. E tal liberdade só pode acontecer se houver democracia.

A democracia por sua vez é produto de sociedades politicamente maduras e evoluídas nas quais o cidadão conscientemente tem um comportamento ativo e permanente na definição de seu destino, bem como na correção da rota pré-estabelecida quando necessário.

Sob tal premissa torna-se possível a elaboração de uma Constituição com a qualificação de legítima, independentemente do número de cidadãos que participarão do processo elaborativo, pois somente o cidadão detém o "Poder Constituinte".

As formas para que o cidadão seja auscultado é que devem ser definidas e de forma a que a vontade popular seja integralmente entendida para, posteriormente, vir a ser o documento maior da Nação, a Constituição.

A República Federativa do Brasil desde a sua libertação do jugo português ocorrida a 164 anos, já teve sete Constituições. Todas elas historicamente vigindo por curtos lapsos de tempo.

Qual a causa maior de que os prazos de vigência tenham sido tão curtos, em média 23 anos?

Diversas justificativas foram tentadas mas seguramente a causa maior destas mudanças constitucionais foi a falta de legitimidade de cada uma das Constituições.

Mesmo a promulgada em 18.09.1946 considerada a de maior eloquência democrática e que banuiu a ditadura de Vargas, perdurou por somente 22 anos, e naquela oportunidade, quando foram eleitos os 320 Deputados e Senadores Constituintes, não puderam votar os analfabetos, os religiosos e os soldados. A Nação Brasileira como um todo não se pronunciou. Foi uma escolha elitista onde parcela significativa de cidadãos não tiveram suas vontades representadas.

Somente com a competente "legitimidade" é que poderá vir a termo uma Constituição duradoura e calcada numa realidade de vontade Nacional.

Mais uma vez na Nação Brasileira se pretende elaborar uma nova Constituição. Mais uma vez a componente "legitimidade" está sendo colocada em plano secundário. Provavelmente e como a História tem demonstrado, mais uma vez teremos uma Constituição fugaz em termos de tempo e distanciada da vontade Nacional, pois o interesse do Cidadão não estará sendo representado. Novamente o resultado do exercício elaborativo da Constituição será direcionado para o atendimento dos interesses das elites dominantes.

Os "representantes dos Cidadãos" não representarão os interesses dos Cidadãos. As formas definidas e adotadas até o momento, tanto para a escolha dos "representantes do povo" como também as

formas adotadas para a auscultação popular, fazem antever um novo erro de elaboração Constitucional.

O que se antepõe à Sociedade Brasileira não é evidentemente uma Assembléia Nacional Constituinte soberana, representativa e independente.

Aparentemente, por uma vez mais, o Cidadão Brasileiro não poderá contar com o Diploma Original que lhe condicionará o atingimento da sua plenitude de ser racional.

A seqüência de Constituições que frustraram o Povo Brasileiro como a que vigiu de 1824 a 1889 de origem monárquica; ou a que perdurou de 1891 a 1930 e que engendrou a República; ou a que foi promulgada sob o impacto do primeiro pós-guerra mundial e que durou efemeramente de 1934 a 1937; ou ainda a que originou a ditadura Vargas e o Estado Novo e que vigiu de 1937 a 1945; ou de 1946 a 1967 já referenciada anteriormente; ou a de 1967 a 1969 que novamente castrou a vontade popular de forma radical e, a última e atual que vige desde 1969, poderia ser cortada se o Cidadão fosse ouvido e suas aspirações passassem a compor a Carta Magna.

Em assim não sendo, agregaremos ao rol de Constituições que frustraram a Nação Brasileira mais uma que vigirá por tempo limitado uma vez que não atenderá aos anseios da Nação, por ser ilegítima.

Carlos Alberto de Melo

Médico Veterinário CRMV-2 n.º 0077

Presidente do Conselho Regional de
Medicina Veterinária de Santa Catarina

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

“Em Revista”, órgão da Editora do Escritor (São Paulo), chega ao seu 18.º número. Lançado em 1976, provocou discussão na época por se tratar de uma revista-antológica que publicava no mesmo exemplar textos de autores diversos e nos mais variados gêneros, o que veio a ser imitado, mais tarde, por outras publicações. Com o formato e acabamento de livro, “Em Revista” vem se mantendo, apesar das dificuldades provocadas pelos altos custos, graças à decisão do editor Luz e Silva de prosseguir na sua edição por entender que é um veículo importante pelo que já publicou, pelas oportunidades que dá aos autores e pela boa recepção que vem tendo de leitores e críticos. Nos números até aqui publicados “Em Revista” tem trazido trabalhos de inúmeros catarinenses, participando deste último Péricles Prado (“A Renascença e os livros herméticos”) e Enéas Athanázio (“Gilberto Amado”).

Mais um número do suplemento literário “A Ilha”, editado por Luiz Carlos Amorim, em São Francisco do Sul, está circulando. É o

número 21 dessa publicação catarinense, hoje muito conhecida, e que vem se mantendo há sete anos. Publica trabalhos em verso e prosa de Luiz Carlos Amorim, Silvinha, Aracely Braz, Luiz Antonio, Rosângela Borges, Mariana, Abel B. Pereira, Célia A. Schil, Gislaine Elling, Sólton Schil e vários outros, além de notícias e informações relacionadas à literatura.

Realizou-se em Caçador, coordenado pelo Conselho Estadual de Cultura, de 23 a 25 de outubro, o "Seminário Nacional Guerra do Contestado". Tendo como objetivo "proceder a uma análise ampla em temática e abordagem ideológica sobre a Guerra do Contestado para inseri-la na história do Brasil como significativo confronto ocorrido no País", o evento constou de palestras, debates, comunicações, inauguração do Museu do Contestado (com exposição de acervos fotográficos e históricos) e inauguração do marco histórico do Contestado. Como eventos paralelos ocorreram lançamentos de livros sobre o Contestado (diversos autores), projeção do filme "A Guerra dos Peladões", dirigido por Silvio Back, projeção de filmes-documentários sobre a Guerra do Contestado, apresentação do Oratório do Contestado, do Maestro Acácio Santana, o 2.º Festival do Folclore do Homem do Contestado, viagem de trem em locomotiva histórica ("Maria-Fumaça"), inauguração do obelisco da aviação militar do Contestado e baile.

Foi também inaugurado o Edifício Achilles Stenghel, réplica ampliada da primitiva estação ferroviária de Rio Caçador, que passa a constituir a sede própria do Museu do Contestado.

Nesse conjunto de promoções merece destaque o nome de Nilson Thomé, incansável estudioso e divulgador do Contestado.

Dois livros recentes vieram reforçar a estante dedicada ao Contestado e alargar os conhecimentos sobre esse episódio militar que durou de 1912 a 1916, com grandes perdas de vidas, enormes prejuízos e despesas. "Planaltos de frio e lama", de Beneval de Oliveira, publicado por FCC Edições (Florianópolis — 1986), é um estudo minucioso sobre os fanáticos do Contestado, o homem da religião, a própria guerra e o meio onde ela se desenrolou. O outro, mais jornalístico, é "O desmoraçamento do mundo jagunço", de Paulo Ramos Derengoski, também dado a público por FCC Edições (1986). Muito bem fundamentado e recheado de farto material iconográfico, o livro vem merecendo destaque, observando o autor que "às vezes, se conhecia melhor a nossa história lá fora do que aqui dentro." Parece que a "Guerra Santa do Contestado" começa, enfim, a despertar o interesse dos pesquisadores, tanto em nosso Estado como fora dele, pois sei de pesquisas que estão sendo realizadas por escritores não catarinenses. O que, aliás, é muito bom.

A Livraria Catarinense promoveu o lançamento do livro "Ponche Verde", de Janer Cristaldo, em sua loja da Rua Deodoro, em Florianópolis.

A Associação Profissional de Escritores de SC (AESC) já está funcionando em sua nova sede, no edifício da antiga Alfândega, onde

obteve duas amplas salas. Foi até muito ativa a participação da entidade que congrega os escritores do Estado na Feira do Livro que se realizou na Capital.

— . — . — . — . — . — . —

No II Encontro de Escritores Catarinenses, promovido pela AESC e realizado em 10 e 11 de outubro, os participantes firmaram documento de interesse da classe sob o nome de "Carta de Chapecó" e que a seguir transcrevemos para conhecimento de todos em virtude da importância de que se reveste:

CARTA DE CHAPECÓ

No II Encontro de Escritores Catarinenses em Chapecó, nos dias 10 e 11 de outubro de 1986, os participantes declaram:

1 — O momento histórico que estamos vivendo, no Brasil e em Santa Catarina, nos desafia a revermos nossa posição de intelectuais diante de uma grande maioria da sociedade que está a exigir uma posição concreta, participante e engajada na análise e na solução dos problemas que nos dividem entre os que pensam que sabem e os que sabem que nada sabem.

2 — O escritor detém a palavra como instrumento principal de trabalho. Por isto, ele deve ser objetivo e prático para que a comunicação oral ou escrita se torne viável entre qualquer camada da sociedade.

3 — O relacionamento escritor-leitor deve concretizar-se de forma simples e direta porque só desta forma, sua tarefa, além da realização pessoal, será capaz de incentivar o gosto pela leitura.

4 — É fundamental que todo aquele que faz literatura tome consciência da importância de um esforço conjunto e participativo entre escritor-escritor (para incentivar os que nunca tiveram acesso a possibilidade de publicar seus trabalhos) e entre escritor-leitor, para que haja uma real circulação e um adequado consumo do texto publicado.

5 — Para melhor sentir o problema da classe e para viabilizar um esforço conjunto, é necessário que de imediato, sejam estruturadas delegacias da Associação Catarinense de Escritores em todos os pólos microrregionais do Estado com o objetivo central de buscar soluções viáveis para o relacionamento escritor-escritor e escritor-leitor, tais como: intercâmbio de livros, sessões de autógrafos, feiras de livros, cursos de literatura brasileira, catarinense e/ou regional, entrevistas com escritores e com leitores nos órgãos de comunicação de massa, levantamento de escritores da região, etc.

6 — O momento está a exigir que seja criado um sistema de divulgação publicitária de alcance em todo o estado e que, entre outras atividades, informe periodicamente a Comunidade Catarinense de todas as atividades da Associação de Escritores de Santa Catarina e de suas delegacias.

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

7 — As delegacias da Associação de Escritores de Santa Catarina, entre outras tarefas devem proceder a divulgação, tanto nos meios de comunicação de massa quanto nas unidades escolares (professores e alunos) de todo e qualquer evento que envolva a vida e a obra do escritor catarinense e do leitor a qualquer nível.

8 — A participação nas unidades escolares deverá ser concretizada através da conscientização dos professores, dos quais espera-se o conhecimento e a adoção, em aula, de obras dos nossos autores, convidando-os às escolas para análise de sua obra e para debate com os alunos.

9 — Os escritores devem ficar alertas e não se deixarem envolver com a publicação de seus trabalhos em antologias (ou assemelhadas), lançadas por editoras do centro do país, mediante cobrança antecipada e exorbitante e cujo fim único parece ser o enriquecimento da editora e não o da divulgação do trabalho intelectual dos “associados”. Tais obras não apresentam nenhum critério de divulgação, não têm circulação nas livrarias, não são distribuídas aos críticos e não apresentam critérios mínimos de qualidade editorial ou técnica.

Chapecó, 11 de outubro de 1986.

ENGENHEIRO BLUMENAUENSE É CIDADÃO HONORÁRIO DE LONDRINA

José Gonçalves

“É muito mais fácil enfrentar os desafios da construção de uma obra de engenharia do que receber uma homenagem como esta” — disse emocionado o Secretário de Transportes do Paraná Heinz Georg Herwig, ao receber o título de Cidadão Honorário de Londrina, dia 9 de outubro último, em tocante e concorrida solenidade realizada na Câmara de Vereadores daquela cidade paranaense. Houve muita emoção também entre o público que lotou as dependências daquela Casa do Povo, para assistir a cerimônia. Todos os oradores elogiaram Heinz Georg Herwig, o “Alemão”, como é conhecido entre os amigos e companheiros de trabalho de Londrina, em cuja cidade também desempenhou importantes funções técnicas durante vários anos, entre as quais a de Secretário Municipal de Obras.

Heinz Georg Herwig é blumenauense, onde nasceu e fez seus primeiros estudos, formando-se mais tarde em engenharia civil na Faculdade de Engenharia de Curitiba. É filho de Henrique e Mira Herwig, pessoas vastamente relacionadas e benquistas em Blumenau, sendo ele, Henrique Herwig, projetista e sócio da empresa Lindner, Herwig Shimizu, altamente conceituada em projetos de construções em geral.

O sr. Henrique e sua esposa dona Mira, estiveram presentes àquelas solenidades em Londrina, quando homenagearam seu filho caçula, retornando de lá emocionados e muito bem impressionados com a constatação da estima e admiração de que Heinz Georg Herwig é tido não só em Londrina mas em todo o Estado do Paraná, e que exerce, hoje, o cargo de Secretário de Transportes do Estado.

Contribuição à história da colonização polonesa

Carta reveladora de Boreslau Mrówczyński

Varsóvia, 20 de fevereiro de 1973.

Prezado Senhor!

Nesta carta vou apresentar as pesquisas sobre Sixteen-Lots que fiz na literatura e documentos poloneses, brasileiros, alemães, etc. Esta é uma questão complicada. A versão de Saporski muda constantemente no decorrer dos tempos e não é possível dar-se muito crédito às mesmas. Ainda na primeira versão anotada pelo professor J. Siemiradzki no ano de 1892, após longa conversa com Saporski e transcrito por Przytarski disse que o mesmo à testa dos colonos "atravesou estepes e florestas virgens" partindo de Sixteen-Lots ao Paraná. Esta é uma versão inteiramente fictícia, tipicamente eclesiástica, bíblica como a de um bom pastor levando o seu rebanho de ovelhas. Esta versão é tão fantástica e mesmo não levada a sério na Polónia. Alguns historiadores, para salvar a veracidade de Saporski, escrevem hoje que era somente "um projeto". Mas professor Siemiradzki persiste no que escreveu.

A segunda versão formada por palavras pouco claras, chegaram pouco a pouco à terra. Podemos ver isto já na viagem de Sixteen-Lots a Itajaí e depois por mar, mas sempre com Saporski à frente que salva os colonos da escravatura alemã.

Por fim a terceira versão, que é a das "Memoires". Ela é circuns-

pecta, certamente corrigida para não incorrer na desgraça pessoal do envolvido. Todas as situações são muito dramáticas e pouco claras.

Qual foi a atuação de Saporski em "Memoires" já relatei na carta anterior. Aqui constatarei o que ele fez certamente:

1) Ele estimula seus compatriotas de Siolkowice a ir para a Colônia Blumenau. Esta é a ambição e confirmado nos fatos.

2) Ele está em Sixteen-Lots e escreve em nome dos colonos a petição ao Ministro da Agricultura e não ao Imperador.

3) Ele entrega esta petição às mãos do imperador durante uma audiência hebdomadária perante todos os presentes. Esta cena é relatada com tal simplicidade que se pode dar crédito a ela.

4) O documento enviado ao imperador se perde entre as atas em Desterro e Saporski o reencontra.

5) Ele remete nova petição de Sixteen-Lots às mãos do vice-presidente H. de Leão em Curitiba.

6) Ele mantém intensa correspondência com Franciszek Mócko e os colonos de Sixteen-Lots antes de sua chegada ao Paraná.

7) Sobre Sixteen-Lots: Ele consola e tranqüiliza os coitados (de acordo com "Memoires"). Anima-os e os persuadiu a fim de se estabelecerem no Paraná ou junto ao Padre Antoine Zieluski

onde obteriam terras para a colonização. Nem as "Memoires" nem os fatos justificam esta constatação. Estas afirmações mais tarde trouxeram conseqüências desagráveis a Saporski.

Agora a respeito do conflito e peregrinação dos colonos de Sixteen-Lots. Como já havia escrito anteriormente as causas eram diversas. Afim de compreendê-los bem é preciso olhar as condições em que viviam os cidadãos em Siolkowice antes de sua partida. É isto o que foi constatado:

1) Naquele tempo a Polónia era dividida em três partes. A única instituição que unia os poloneses era a igreja católica. Mesmo nas terras anexadas à Prússia, onde os cultos dos germânicos predominavam, não encontraram resistência à sua religião.

2) Em 1850, na Silésia, aumentou a consciência nacional. Após a insurreição de 1863 contra a Rússia, a antiga fronteira russa-alemã passava não muito longe de Apole e Siolkowice; esta constatação tornou-se muito viva. Nas escolas só o idioma alemão. Os poloneses aprendiam a ler e escrever apenas em suas residências.

3) Os prussianos afim de obrigar os poloneses a outras partes da Alemanha, não desenvolverem a indústria, foram os responsáveis pela miséria na Silésia, levando os colonos a venderem suas terras.

4) Na Silésia reinava o terror. Se por exemplo dez homens encontravam-se reunidos, mesmo em suas residências, já era considerado "uma manifestação" ou "assembleia" e eram presos e punidos.

5) Depois dos silesianos, os

alemães dividiram-se em duas categorias — os alemães e os prussianos. Estes eram benevolentes para com os alemães como com os poloneses. Mas eram prussianos, e todo alemão temia sua superioridade. Não os estimavam por esta razão e por sua violência.

6) As terras junto a Siolkowice e ao longo da fronteira eram uma grande planície. Os colonos poloneses as exploraram durante séculos e eles são bons lavradores, mesmo hoje em dia. Se pode dizer que aqueles homens de Sixteen-Lots eram também bons trabalhadores.

Em resumo esta passagem nos deixa chegar às 3 seguintes conclusões importantes:

1) Os colonos de Siolkowice, que emigraram para o Brasil, queriam fugir da pobreza e do terror. Eram encorajados pelos efeitos econômicos da Colônia Blumenau e grandes grupos deixaram Siolkowice. Também eram atraídos pela grande tolerância religiosa e nacional no Brasil e sobretudo pela presença de religiosos poloneses. Para um silesiano, daquela época, um padre era um homem de confiança e que representava a nação. Também os alemães na Colônia não eram perigosos; eram originários de Braunschweig e nesta parte da Alemanha, o que é um fato histórico, não amavam os prussianos. Todas estas informações Saporski certamente enviara a Siolkowice.

2) Os colonos apenas sabiam que seriam estabelecidos em "Blumenau" em terras muito boas. É possível que Saporski, quando o "Velho Frederico", grande amigo do Dr. Blumenau e de Dr. Müller, ainda vivia, discutiu este caso com os membros da administra-

ção (como existem diversas versões) e que lhe fora prometido estabelecer os homens de Siolkowice naquela região não muito distante da Colônia. Foi então que os colonos encontraram-se em Sixteen-Lots. De acordo com minhas informações, é uma região montanhosa, e as grandes enxurradas lavavam a terra. Como eram trabalhadores de planície não sabiam trabalhar nestas condições. Além disso, eram hostilizados pelos Botocudos que encontravam-se próximos. Eu creio que os Irlandeses, também habitantes de planície, abandonaram Sixteen-Lots pelo mesmo motivo. Por esta razão, os integrantes da segunda leva de imigrantes poloneses, durante muitas semanas, negaram-se a deixar as barracas em Brusque.

Poderá dizer agora: mais tarde os italianos fizeram de Sixteen-Lots uma Colônia excelente. É verdade mas eles vieram de regiões semelhantes na Itália. Certamente não estavam acostumados a trabalhar em planícies como os poloneses ou irlandeses.

3) Os alemães em Brusque ficaram satisfeitos com o insucesso dos novos colonos. Os poloneses, na sua maior parte, vieram sem dinheiro. Eles queriam alimentos e pagariam os mesmos com o seu trabalho nas terras. Em Sixteen-Lots não houve auxílio a não ser pão seco. Os alemães supervisionavam o andamento do trabalho e praticamente os escravizaram, como os brasileiros desta época, e o comprador não po-

dia vender sua terra sem a permissão do crediteur.

4) Nesse meio tempo os homens de Sixteen-Lots revoltaram-se contra Zielinski que partira para Gaspar. Para mim é um impostor, para eles o pobre polonês perseguido pelos "prussianos". Estas, para mim, são as causas econômicas, patrióticas e religiosas da peregrinação de Sixteen-Lots ao Paraná. A terra de Santa Catarina apesar de linda, foi a causa das condições diferentes que não permitiram as colheitas, não podendo alimentar os colonos, bem ao contrário, transformaram-se em escravos. Sem o padre, se sentiam como os homens desamparados que eram na Alemanha. Aqui no Brasil o desespero inicial transformara-se rápido em revolta e vontade ao combate. É preciso colocar-se no lugar deles e analisar os obstáculos.

Os homens da Silésia, vindos de uma dura escola com os prussianos, saberiam como agir.

Ainda é preciso aliar que Saporski, com seu maldito vínculo com os alemães, fortificou certamente este sentimento.

A reação alemã: Saporski fala em suas "Memoires" e versões anteriores, que os alemães recusaram-se a consentir a saída de Sixteen-Lots, enviando forças armadas sob o pretexto de que era uma revolta polonesa contra o governo, e bloquearam o Itajaí-Açu e o porto.

Ficará surpreso, mas aqui defendo Saporski: tudo será para o

LOJAS HERING S.A.

Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

bem da história. Para ser melhor compreendido eu apresentarei parte por parte os fatos principais:

1) Blumenau:

O grande papel do Dr. Blumenau, na história de Santa Catarina, está agora em discussão. Aqui somente constatarei que em 1870 ele era bem conhecido e estimado em Santa Catarina, Rio de Janeiro e Alemanha. Não se deve por em dúvida: ele representava um bom patriota alemão. Sua autoridade em Brusque e outras colônias alemães, era tão grande quanto na Colônia. Para Saporski era o centro de todos os acontecimentos alemães e creio que ele não estava longe da verdade. Ele via o dia-a-dia e certamente nada se passava no país que não fosse do conhecimento do Dr. Blumenau e na Colônia.

Dr. Blumenau fazia valer sua autoridade na administração e a representava sobretudo quando em viagem. Dr. Blumenau viajara a Europa e lá ficara por vários meses. Com minhas informações ele encontrava-se na Europa durante os eventos de Sixteen-Lots.

Será que Dr. Blumenau exerceria qualquer influência sobre o destino dos colonos de Sixteen-Lots? É possível. Para ele como patriota alemão, algumas centenas de colonos poloneses, privados de qualquer influência política, não representavam perigo. O caráter germânico da Colônia não sofria. Não queria formada nenhuma Colônia Alemã-Polonesa. Razão porque não queria estabelecer os mesmos colonos de Siolkowice muito "próximo" e os enviou a Brusque. Também não queria

um padre polonês envolvido, porque o mesmo poderia separar os colonos novos que chegaram. Seu candidato era o padre Wilhelm Roemer que não sabia o polonês.

Estas suas opiniões podem ser reprovadas? Não. A ambição nacional do pioneiro num país que não era o seu país natal, demonstra bons sentimentos e eu respeito.

Após todos os meus estudos acerca de Dr. Blumenau, cheguei à conclusão que ele nunca foi chauvinista nem tão pouco os membros de sua administração.

2) O governo imperial e os poloneses:

Naquele tempo havia poucos poloneses no Brasil mas "a causa polonesa" sobretudo após a insurreição de 1863, era bem conhecida nos círculos governamentais e recebida com grande simpatia. Sobre isto não só fala a crônica mas toda a imprensa brasileira, bem como a poesia. Havia inclusive poloneses ocupando cargos públicos no Rio. Creio que lá deveremos procurar o homem que protegia Zielinski e Saporski. Era o almirante Przewodowski, pessoa muito popular na corte. Saporski apenas escreveu que era um certo dignatário, altamente colocado na Marinha, mas não citou seu nome. Este gesto é compreensível. Se ele citasse o nome, Przewodowski e negaria, pois estava altamente envolvido com a colonização polonesa e cumpriu sua promessa também com Sixteen-Lots. Mas seu heroísmo não era a base.

3) O governo imperial e Blumenau:

O trabalho alemão em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, tinha

uma boa reputação. Mas em 1870 surgiram divergências: Este esta do não é brasileiro e sim alemão. A população brasileira é a maioria e muito frágil. Muitos cargos, mesmo na chancelaria da presidência estavam em mãos dos alemães.

Nas "Memories" existe uma passagem muito interessante: os alemães de Blumenau, consideram Zieluiski um espião do governo do Rio. Certamente existiam estes espíes.

A base desta crença será melhor compreendida com o seguinte: Os alemães tentavam, de qualquer maneira, conservar os poloneses na Colônia Sixteen-Lots. A Colônia já era muito conhecida no Rio de Janeiro. Não queriam que acontecesse como os irlandeses que passou a caso internacional e o governo brasileiro foi forçado a enviar os irlandeses de volta à terra de origem. Agora seriam os poloneses. Que se passava em Santa Catarina? E por que os colonos de outras nacionalidades não podiam viver entre os alemães?

Certamente tais perguntas eram feitas freqüentemente no Rio e os alemães de Santa Catarina sabiam disto. O desejo dos habitantes de Brusque, a fim de não perder os trabalhos, era preciso defender os interesses e a honra alemã. Juntá-los para tal causa não era difícil.

Podemos citar dois fatos: formar um exército e levantar-se contra o governo — seria um grande risco. E os alemães são cautelosos. Eu respondo primeiro sempre como a história conta. Mesmo aqueles que tomavam parte na ação podiam conhecer somente parte da verdade e neste

momento o bom senso dos alemães estava em primeiro plano.

4) A guerra franco-prussiana:

Certamente esta era a grande causa. A propaganda do Grande Reich, dirigida pela Prússia por longo tempo por toda a Alemanha, era bem conhecida também em Santa Catarina. Os colonos liam os jornais de seu pais natal e escutavam os emissários. Agora, observando a demonstração militar: era sua pátria que provocou o fracasso da França e agora se poderia passar por invencível.

Muitos brasileiros estavam agora impressionados e preocupados com os ataques e admirável organização. Os alemães ainda eram perigosos no Brasil. Eu conheço bem este período histórico alemão. O espírito público repeliu vivamente o período hitlerista, e os elementos extremos reclamavam já em todo o mundo e nas própria colônias. Em Santa Catarina, por certo, a atmosfera era semelhante: os prudentes estavam aturdidos, os extremistas impunham sua vontade e suas condições.

Nesta atmosfera passavam-se os eventos durante a peregrinação dos colonos poloneses de Sixteen-Lots ao Paraná. Para os extremistas era uma satisfação: a grande batalha para eles representava a vitória. Foi por este motivo sua ação tão brutal. Eles haviam recebido em Santa Catarina boa motivação para tal ação.

5) A situação política em Santa Catarina:

Antes de escrever meus livros brasileiros, estudei também o livro de Lucas Alexandre Boiteux: "Notas para a história catarinen-

se" — Florianópolis 1912. Para mim foi um livro revelador. Percebi o país mergulhado numa completa anarquia: os presidentes, vice-presidentes e altos funcionários brasileiros, trocaram-se como marionetes, todas as três categorias. De quatro em quatro meses eram trocados os presidentes, intercalados por longos períodos de integração. Mas, o que não mudou? Os funcionários alemães.

Não vou dizer que esta anarquia era feita pelos alemães. Não. Era somente uma luta anarquista pelo poder num país jovem e com desenvolvimento muito rápido. E quando homens ambiciosos e sem escrúpulos queriam rapidamente fazer carreira brilhante. Para homens de bom trabalho como Dr. Blumenau, isto era certamente uma situação deplorável. Ao contrário, — para os extremistas alemães era o ideal. Obtendo a contradição política, eles podiam mesmo fomentar a rebelião entre os homens poloneses que nunca estiveram certos de sua posição.

Pode-se agora perguntar aqui: por que então, em circunstâncias desfavoráveis como esta, os colonos não só abandonaram Sixteen-Lots, mas ainda partiram para o Paraná? Há alguma razão. Saporski não está em questão: ele estava em Curitiba e esta situação complicou consideravelmente sua possibilidade intelectual. Mas o certo é que o caso era muito conhecido no Rio, como já disse. O caso Sixteen-Lots era muito conhecido e a antipatia contra os alemães de Santa Catarina no momento crescia muito, pois todos os políticos acusavam seus insucessos aos alemães; mas esta é uma questão que deve interessar

aos historiadores brasileiros, se é justo ou não. A mim posso apenas constatar que graças a esta antipatia toda a simpatia dos brasileiros nesta luta estava ao lado dos colonos poloneses. Os amigos brasileiros eram sobretudo homens de alta hierarquia. Se diz por exemplo que os colonos brasileiros "estavam" desligados de qualquer colonização. Esta, no entanto, é uma questão de avaliação de juristas hábeis. Bem como se sabe que o governo do Estado deu a ordem de desembarcar os colonos poloneses sob escolta policial e levá-los até Sixteen-Lots, mas eles fizeram resistência a este ato.

O homem que serviu como intermediário entre os colonos e Floriano foi Franciszek Móccko, pois era o único que podia movimentar-se livremente. Ele tinha a confiança dos brasileiros tanto como dos alemães.

Era necessário apaziguar os colonos aqui. Eles ficaram alguns dias a bordo em Itajaí sob grande pressão das novas contradições e constantes ameaças. Apesar de toda pressão eles não desembarcaram. Como eu conheço bem os silesianos tenho certeza de que é verdade. São homens decididos que não param no meio do caminho. Ainda mais que entre eles haviam homens que serviram com os prussianos. A bordo não havia armas, mas eles tinham seus instrumentos, principalmente "foices" brasileiras. E nas mãos de um soldado treinado pelos prussianos podia tornar-se arma terrível e seus inimigos sabiam disto.

As crônicas conheciam tudo acerca dos silesianos, pois eram originários poloneses "russos" e consideravam-se poloneses. Mas

à escola era outra, é preciso compreender, o que não é fácil.

É preciso dizer que mais tarde no Paraná a relação dos poloneses de Sixteen-Lots e os alemães era excelente. Seus inimigos em Santa Catarina eram os prussianos.

Sobre os últimos pontos não perderei mais muito tempo, mas

parece que sou o primeiro que encara a peregrinação pelo meio franco-prussiano e os eventos políticos de Santa Catarina.

Creio que este ponto de vista lhe deve interessar. Já recebeu alguma informação de São Paulo sobre o dossier de Zielinski?

Atenciosamente

Boreslaw Mrówcynski

O dia 14 de julho na evolução política de Tubarão

"DER URWALDSBOTE"

N.º 7 — Quarta-feira, 23 de julho de 1913 — "Aus unserm Staate" — Do nosso Estado — Ano 21

O dia 14 de julho, dia em que se comemora a queda da Bastilha, foi considerado feriado nacional no Brasil.

Este dia deu motivo para uma pequena revolução em Tubarão. Um grupo de homens armados se reuniu para destruir, primeiro a impressora do jornal "Gazeta do Sul", que servia aos políticos do município como órgão de propaganda.

Depois o grupo se dirigiu para o "castelo forte" de Tubarão, a casa do Superintendente João Colaço, genro e sucessor do famigerado João Cabral. Os revoltosos quebraram janelas e portas e colocaram Colaço diante da alternativa, a vida ou o abandono imediato do cargo que ocupava. Colaço optou, como homem prudente pelo último e abandonou, com sua família em trem especial, a cidade em direção a Laguna. Assim aconteceu a queda do tirano, sem derramamento de sangue e a revolta triunfou.

Quando a notícia chegou à Desterro, o governador enviou o prefeito da polícia Dr. Sálvio Gonzaga com 50 policiais à Tubarão, para restabelecer a ordem. Em Laguna, o prefeito da polícia encontrou o Superintendente expulso e queria persuadi-lo a regressar à Tubarão. Sr. Colaço porém achou as garantias oferecidas muito fracas e resolveu não mais pisar o chão de Tubarão. Quando a polícia chegou à cidade os rebeldes já tinham guardado as armas e reinava calma absoluta em toda a cidade. Foi feito um interrogatório, mas que provavelmente não levará a resultado nenhum. Como autor intelectual da revolta, foi apontado o deputado estadual Accacio Moreira, chefe da oposição local e que ambiciona a chefia do município. Seus partidários fizeram a revolta, enquanto ele, alguns dias antes, tinha viajado para Laguna, pois não queria se comprometer. A péssima administração de Tubarão é conhecida em todo o Estado, mas se a oposição chegar ao poder, ainda é duvidosa a melhora na administração. Nestas ocasiões, apenas as pessoas mudam, mas o regime continua o mesmo."

Cancioneiros do passado

“Seria interessante que algum(a) pesquisador(a), talvez empunhando um gravador, recolhesse e gravasse para a posteridade as poucas sagas ainda lembradas, algumas ricas e curiosas lembranças históricas de famílias que durante século e meio viviam isoladas nas velhas colônias dos interiores do Estado, antes que tais memórias se apaguem pela morte e pelas avassalantes modificações sociais deste final de século XX.”

Após essa minha sugestão acima (Blumenau em Cadernos, ag. 1985, pág. 239), foi com emoção que li o artigo do Dr. Raulino Reitz, sobre o professor Fernando Knoll (Blumenau em Cadernos, setembro de 1986, págs. 258/268).

Antes que se esqueça (e se percam seus paradeiros) — ou para que dele se façam reedição ou traduções — venho lembrar o rico documentário de Gottlieb Entres, o “Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina”, Florianópolis, 1929. Muito citado por historiadores e articulistas — o referido memorial faz referências longas a outro professor famoso (páginas 227/232): August Schnitzler (Coblença, 1842 — Santa Filomena, 09/01/1918), também músico e poeta, professor em Santa Filomena durante 41 anos, de 1874(?) até sua aposentadoria em 1915. Dele devem lembrar-se ainda uns poucos, como se lembram do Prof. Knoll meus tios-avós Frei Elzeário, Clemente e Olinda Schmitt.

Com muito prazer, também eu colaboraria com recursos financeiros para uma “edição”, mimeografada ou “xerocada” das letras originais (português e/ou alemão) dos referidos dois mestres de cem anos atrás. Fica a sugestão ao Dr. Raulino Reitz e ao tio Frei Elzeário (para levantamento e seleção dos textos?) e a Entidades, Firmas e Pessoas Físicas (para o financiamento).

Quanto a letras de canções tradicionais alemãs — dessas referidas pelo artigo do Dr. Raulino, e ainda conservadas em cadernos quase seculares — poderiam, elas também receber a apresentação renovada de coletânea destinada a ser divulgada (com ou sem as “músicas”) pelo menos entre as gerações ainda vivas nascidas nas duas primeiras décadas deste século. Também para isso, de certa forma, disponho-me a colaborar, embora eu não seja músico nem entenda de solfejo... (Elmar Joenck, cx. postal 15.094 — 80.531 — C. Cívico — Curitiba — PR).

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

O último capitão-mor de São Francisco do Sul

Antônio R. Nascimento

Carlos da Costa Pereira afirmou que Antônio Carvalho Bueno foi o último capitão-mor da Vila de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul (História de São Francisco do Sul, Editora da UFSC, 1984, pág. 89).

Tentaremos demonstrar que há certa dúvida acerca disso, ou, quando menos, que exerceu o posto em dois períodos distintos, substituído que fora por Francisco de Miranda Coutinho e por Manoel Pereira da Costa.

Primeiramente, cumpre anotar que o termo "capitão-mor", embora intimamente ligado ao militarismo, foi, através do tempo, sofrendo limitações de competência, por força das sucessivas mudanças administrativas. De início, é provável que não só cunheasse em si mesmo o poder civil e militar, rivalizando-se com o clerical. Mais ao fim da instituição é que cabe a definição de Costa Pereira, louvado no General Costalat (ob. cit., pág. 94, nota 5), para quem os capitães-mores eram incumbidos do "comando" do Terço das Ordenanças, organização militar que se compunha de companhias constantes de um capitão, um alferes, um sargento, dez cabos-de-esquadra e duzentos e cinquenta soldados". A prova disso, em São Francisco do Sul, está nos desmandos do Capitão-mor Domingos Francisco Francisques, o Cabecinha, uma das páginas mais conhecidas da historiografia franciscuense.

Após Manoel Lourenço de Andrade, o fundador oficial de São Francisco do Sul, em data ainda discutível, sucedeu-lhe no cargo de capitão-mor Tomás Fernandes de Oliveira, que ocupava o mesmo posto em São Vicente e a

cuja jurisdição estava sujeita a póvoa franciscuense, assim como a de Paranaguá, no início. Gabriel de Lara, capitão-mor de Paranaguá, exerceu também sua jurisdição sobre São Francisco do Sul. Provam-no as cartas de sesmarias e de usança do Juz, passadas ao Padre Miguel Faria Fialho (1677) e a Manoel André Viana (1682), respectivamente (ob. cit., pág. 55).

Sucedeu-lhes o discutido Cabecinha, já então radicado na Vila, em seu sítio das Laranjeiras, que matou Ana Lamim com um tiro de bacamarte, queimando seu corpo noite adentro.

Tal fato provocou grande celeuma e, segundo cremos, mais porque estavam envolvidos no episódio as famílias mais representativas da incipiente comunidade. A família de Ana, cuja origem se perde nos inúmeros mistérios franciscuenses, que talvez jamais sejam desvendados, deve ter tido grande importância na povoação novel, pois mereceu um processo legal de alto custo para o governo português, como é sabido. A demonstrar tal importância, encontramos, recentemente, mais um dado significativo acerca de tal família, na obra de João Machado Ferraz (Os Primeiros Gaúchos da América Portuguesa, Instituto Estadual do Livro, Caxias do Sul, 1980, pág. 64): Um João Gonçalves, francês, casou-se com uma Maria Cardoso, "natural da Freguesia do Rio de São Francisco, Vila de São Francisco (Santa Catarina), filha de João Cardoso e Catarina de Lamil, da mesma vila de São Francisco", tendo as filhas Ana (23.6.1742) e Maria (20.5.1747). Se esse casamento ocorreu por volta de 1741, como é de supor pelo nascimento da primogênita, essa Maria Cardoso, franciscuense, filha de CATARINA DE LAMIL, teria nascido, pelo menos, uns doze anos antes, ou seja, aí por cerca de 1738, caso também fosse a primogênita. Mais significativo, porém, é a grafia do patronímico: LAMIL. Em 1720, nas eleições efetuadas para a escolha do capitão de ordenanças da barra do Araquari, um João Gonçalves Lamim foi o segundo mais votado, que, segundo supomos, foi casado com Joana Gonçalves Lamin, viúva de 80 anos, morta aos 16.3.1785. Um Antônio Gonçalves Lamin, morreu aos 15.1.1785, com 60 anos de idade, deixando a viúva Clara Pereira. Uma Margarida Lamim, "viúva do defunto Luiz Alves Pedroso, morreu aos

21.9.1788, com 70 anos. Uma Francisca Fernandes, mulher de Salvador Lamim, faleceu aos 20.7.1785, com 50 anos de idade. Antônia Francisca falece aos 25 anos (23.9.1788), deixando viúvo Manoel Cardoso Lamim (livro n.º 1 de óbitos de São Francisco do Sul). Tudo a indicar a antiguidade dessa família LAMIM na Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul. Donde sua importância para o infortúnio do Capitão-mor Domingos Francisco Francisques, o tristemente lembrado Cabecinha. Em 1660, de acordo com Costa Pereira, citando Santos Silva (ob. cit., pág 68), um Pedro Lamim matou seu sogro Joaquim de Frias, ou seja, na época da fundação da vila.

Agostinho Alves Marinho era capitão-mor em 1720, quando foi suspenso pelo Ouvidor Rafael Pires Pardiniho e que determinou a realização de eleições para o posto. Pela ordem dos mais votados (Costa Pereira, ob. cit., pág. 86), parece que João Lopes Biscardo foi o capitão-mor até março de 1721, quando Agostinho Alves Marinho foi reconduzido ao cargo, exercendo suas funções até 1726, substituído que foi por Antônio de Oliveira Cercal, eleito na forma regulamentar.

Sebastião Fernandes Camacho, que foi casado com Ana de Oliveira, morta em 1797, aos 90 anos de idade "pouco mais ou menos", deixando a filha única Josefa de Oliveira ou Fernandes Camacho e duas sobrinhas, viúvas de Francisco de Miranda Tavares e de João Pereira de Meneses, conforme está em seu testamento (livro de óbitos n.º 1), exerceu o posto de capitão-mor de 5.4.1733 a novembro de 1755, cujo óbito deve ter ocorrido por essa época, quando foram efetuadas as eleições que escolheram o sargento-mor João Tavares de Miranda, que só tomou posse a 23 de julho de 1758.

Vê-se, pois, que, antes e depois de Sebastião Fernandes Camacho, houve vacância no cargo. Quem teriam sido os capitães-mores de 1729 a 1733 e de 1755 a 1758? É possível que o fossem os militares mais graduados do Terço das Ordenanças, mas, de qualquer modo, ainda é uma lacuna do passado histórico francisquense, empossado aos 26.7.1758 pela Câmara, então presidida pelo Juiz Ordinário Luiz de Sá da Costa, parece ter governado até 1769,

quando, em agosto, o comando do Terço das Ordenanças passou inteiramente a Domingos Correia, sargento-mor regente, natural de Santarém, casado com a francisquense Margarida de Oliveira, mãe de Ana Maria de Oliveira, depois casada com João Mathias de Carvalho, o ancestral curitibano dos Carvalho Bueno de São Francisco. É crível que João Tavares de Miranda tivesse morrido em 1769, pois, aos 27.2.1763, ainda recebera a sesmaria do Iquiririm, em terras que adentravam pelo hoje Estado do Paraná (W. F. Piazza, Santa Catarina, sua História, pág. 115 e mapá que vimos).

Supõe Costa Pereira que Antônio Tavares de Miranda, capitão-mor de abril de 1770 a 1777, tivesse sido regularmente eleito (ob. cit., pág. 38). Antônio Tavares de Miranda, ante a invasão espanhola da Ilha de Santa Catarina por D. Pedro de Cevalhos Cortez y Calderon, abandonou a Vila e, por isso, foi preso e conduzido ao Rio de Janeiro, ocasião em que foi substituído pelo "capitão de auxiliares" Agostinho de Miranda Coutinho. Este, falecido aos 3.12.1795, com 75 anos "pouco mais ou menos", deixou a viúva Maria Pereira da Silva, de quem não teve filhos, pois, em seu testamento, deixou o remanescente de sua meação "a seus dois irmãos", que presumimos fossem Miguel de Miranda Coutinho e Amaro de Miranda Coutinho (livro de óbitos n.º 1, folha avulsa). Foi sepultado na Capela do Glorioso São José, o que parece ter sido modismo do final do século XVIII, ou talvez porque a matriz se encontrasse em reformas; sendo natural de Paranaguá. Seu testamento também nos informa que o Alferes João Silveira de Miranda era seu sobrinho. Se não foi de direito, Agostinho de Miranda Coutinho foi o capitão-mor de fato, enquanto Antônio Tavares de Miranda esteve preso no Rio de Janeiro.

Absolvido da culpa por ter abandonado a Vila, refugiando-se em Curitiba, depois de algum tempo no Cubatão, quando São Francisco do Sul foi saqueada por alguns moradores, Antônio Tavares de Miranda reassumiu seu posto em 1798, até sua morte, em data desconhecida.

Francisco Fernandes Dias, tenente, depois capitão, sucedeu a Tavares de Miranda em outubro de 1817. Natural

de São Francisco do Sul, era filho de José Fernandes Dias e de Isabel Pereira da Silva, neto paterno de Sebastião Dias e de Ana Fernandes, naturais da freguesia de São Julião, Portugal. Era irmão do Alferes José Fernandes Dias casado com Ana Ribeira de Sá. Casou-se com Ana Silveira de Miranda, natural de Paranaguá, provavelmente irmã do Alferes João Silveira de Miranda. Deixou, que descobrimos, oito filhos: Jacinto, João Fernandes da Silveira, Antônia Isabel Fernandes, Maria Silveira de Miranda, Alberto, Manoel, João, Miguel e outro não identificado.

No estudo genealógico da família de Francisco Fernandes Dias, descobrimos que as famílias franciscuenses se fortaleciam por fortes laços de militarismo, criando um como que "militarismo hereditário", muito mais envolvente e importante do que as decantadas relações de compadrio da época. Sua mãe, por exemplo, Isabel PEREIRA DA SILVA, certamente era parente, talvez filha, do Ajudante Antônio PEREIRA DA SILVA, morto em 1789, de cujo consórcio com Paula Moreira, teve o filho Sargento Luiz Tavares de Miranda (notar que o patronímico não guarda nenhuma relação com os apelidos de família dos pais), que, a seu turno, casou-se com Dionísia Maria de Miranda, filha de José Manoel de Miranda e de Ana Joaquina Pereira de Andrade, esta de Paranaguá. O filho Manoel Fernandes Dias, sobre ter por padrinho o Capitão Agostinho de Miranda Coutinho, que o contemplou com 20 mil réis em seu testamento, casou-se com Maria Antônia Moreira, filha de João Afonso Moreira e Helena Dias de Santa Ana, parentes, talvez tios, do Alferes João Afonso Moreira, casado, a sua vez, com a filha do Capitão-mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares (Ana de Miranda Tavares, nascida aos 5.12.1800). Posteriormente, Manoel Fernandes Dias tornou-se alferes, casando sua filha Ana Maria Fernandes, nascida a 1.º.11.1795, com Agostinho de Miranda Coutinho, filho do Alferes José de Miranda Coutinho e neto do Capitão Miguel de Miranda Coutinho, natural de Paranaguá. A que presumimos terceira filha do Capitão-mor Francisco Fernandes Dias, Antônia Isabel Fernandes casou-se com o Tenente José Ferreira de Souza, irmão do Alferes Manoel Teixeira de Souza. Sua filha Maria Silveira de Mi-

randa casou-se com Joaquim Pereira Ramos, irmão do Alferes Manoel Pereira da Costa. Miguel Fernandes Dias casou-se com uma filha do já Capitão Manoel Pereira da Costa. E assim por diante, na prossecução desse fato histórico franciscuense que houvemos por bem determinar de "militarismo hereditário", que se traduz por uma série de casamentos entre filhos de militares e cujo resultado final se traduz por uma elite dominante que ocupa os postos mais importantes de São Francisco do Sul dos séculos passados.

Mas isso é assunto tão vasto que melhor será abordado em novo estudo.

Antes, porém, de Francisco Fernandes Dias, adrede colocado à frente da cronologia ora versada, foi capitão-mor João Pereira Lima, cuja data é apontada por Carlos da Costa Pereira (ob. cit., pág. 88) como sendo em 1798. Pensamos, contudo, que sua eleição e posse se deu antes de tal data, pois 1798 é o ano de sua morte, quando já era viúvo de sua mulher, que morrera em 29.8.1791. Nessa data, 29.8.1791, do falecimento de sua mulher, é que encontramos João Pereira Lima nas funções de capitão-mor da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul, e não em 1798, data de seu falecimento, como Carlos da Costa Pereira inadvertidamente supôs.

Depois de João Pereira de Lima, morto em 1798, é que sucedeu-lhe o já referido Capitão-mor Francisco Fernandes Dias, que, presumivelmente, deve ter tomado posse exatamente nesse ano, alferes ou capitão que já era do Terço das Ordenanças.

Seguiu-se-lhe o Tenente-coronel Francisco de Oliveira Camacho, então "capitão dos milicianos", assumindo interinamente em outubro de 1817 e exercendo tais funções até 23.6.1821, quando, por desentendimento com a Câmara, transmitiu o cargo a Antônio Eugênio de Miranda Tavares. A edição referida da obra de Carlos da Costa Pereira não traz a biografia do Tenente-coronel Francisco de Oliveira Camacho, posto que o autor se refira a um "apêndice" (ob. cit., pág. 89) que o livro, infelizmente, não contém. Mas, pelo que descobrimos nos arquivos eclesiásticos franciscuenses, era ele filho de outro de igual nome e de Isabel Maria de Jesus, sendo irmão de Ann Maurícia da Trindade, que foi casada

com João Machado Pereira, natural da freguesia de São Miguel de Santa Catarina, filho de Manoel Machado Gallo, da Ilha Terceira, e de Ana do Espírito Santo, da Ilha do Faial, conforme se vê no registro de João, batizado aos 29.6.1806, onde o futuro Tenente-coronel foi padrinho (livro de batizados n.º 5). Casou-se com D. Rosa Inácia da Conceição, mas não teve filhos desse matrimônio. Sua mulher também se assinava Rosa Maria de Jesus, conforme se vê no batismo de Rita (19.6.1835, livro n.º 8). Além de tentar depor o comandante militar da Vila, por volta de 1821, conforme notícia de Walter F. Piazza (Santa Catarina: Sua História, pág. 226), outro fato significativo da vida do Tenente-Coronel Francisco de Oliveira Camacho foi que criou a filha natural do Brigadeiro João Vieira Tovar Albuquerque, o Governador da Província de Santa Catarina até 1822, de nome Carolina, havida de uma descendente do Chefe de Divisão Miguel de Sousa Mello e Alvim, também Governador em 1830. Tal moça se casou com Crispim Gomes de Oliveira, irmão de João Gomes de Oliveira, pai de Prócópio Gomes de Oliveira, que foi sogro do ilustre Senador Carlos Gomes de Oliveira. Tem-se notícias dos filhos Sérgio Gomes Tovar de Albuquerque e de Maria, que se casou com o agougueiro joinvilense Augusto Stock, deixando descendência no Brasil meridional.

Sucedeu-lhe o Capitão-mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares, filho de Francisco de Miranda Tavares e Francisco da Fonseca Tavares, natural de Paranaguá, e de Tomásia Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro, que foi casado com Maria Peres ou Paes Domingues, natural de São José da Curitiba, como então se chamava a hoje São José dos Pinhais, filha de Francisco Bueno da Silva, natural de Pindamonhangaba, São Paulo, e de Isabel Fernandes, também natural de São José da Curitiba. Teve, que descobrimos, os seguintes filhos: Ana (5.12.1800), Antônio (8.9.1804) e Tomásia, cujo batismo desconhecemos, casada com Francisco José de Sousa, filho do Tenente José Ferreira de Sousa e de Antônia Isabel Fernandes, conforme o assento de batismo de Carolina, lavrado aos 3.5.1833. Antônio Eugênio de Miranda Tavares obteve, aos 4.8.1805, 155 braças de terras de sesmaria no lu-

gar Araribá, onde provavelmente tinha seu sítio. Segundo Carlos da Costa Pereira (idem, ibidem), morreu em 1824, sendo que, por se encontrar doente, transmitiu seu cargo ao Sargento-mor Elias Antônio de Oliveira em novembro de 1821.

Elias Antônio de Oliveira era natural do Desterro, onde se casara com D. Maria Jacinta de Oliveira, conforme se vê no registro de batismo do neto Elias, lavrado aos 27.2.1830, filho de Julião Correia da Silva e de sua filha Maria Emilia Ribeiro, também do Desterro, onde ele foi padrinho (livro n.º 8 de batismos). Exerceu o cargo de capitão-mor em caráter interino, mas, de qualquer forma, foi-no de fato.

Morto Antônio Eugênio de Miranda Tavares, em 1824, Antônio Carvalho Bueno foi eleito seu substituto, na forma da lei. E, segundo o preclaro Costa Pereira, "foi Carvalho Bueno o último capitão-mor da vila" (ob. cit., pág. 89).

Antes de passarmos à nossa modesta contribuição, vamos ver quem foi Antônio Carvalho Bueno. Era filho de João Mathias de Carvalho, natural de Curitiba, e de Ana Maria de Oliveira; neto, pela parte paterna, de João Carvalho de Assunção e de Álvaro Bueno da Rocha, ambos naturais de Curitiba; neto, pela materna, do Sargento-mor Domingos Correia, natural de Santarém (?), e de Margarida de Oliveira, natural de São Francisco do Sul. João Carvalho de Assunção morreu em Curitiba, aos 26.3.1761, deixando viúva Maria Bueno da Rocha, que presumimos fosse irmã de Álvaro, sua primeira mulher (Francisco Negrão, Genealogia Paranaense, Vol. 4, pág. 213). Álvaro Bueno da Rocha era filho do Capitão Antônio Carvalho Bueno da Veiga, natural de São Paulo, e de Isabel Fernandes da Rocha (idem, ibidem). Antônio Carvalho Bueno, certamente nascido em São Francisco do Sul, malgrado não lhe conheçamos o registro batismal, foi alferes, depois tenente e, por fim, capitão. Era irmão do alferes — depois tenente — Manoel Carvalho Bueno, que foi casado com Maria do Rosário, filha do Alferes José Gomes de Oliveira ou José Gomes Galhardo — filho de Manoel Gomes Galhardo e de sua primeira mulher Vicência de Oliveira, como está no registro de José, de 17.8.1800 (livro de batismos n.º 5) — e de sua primeira mu-

Iher Bárbara Pereira (depois, em segundas núpcias, o Alferes José Gomes de Oliveira se casou com Isabel Antônia de Miranda, filha de José de Miranda Coutinho, natural de Paranaguá, dentro daquele círculo de parentesco que chamamos de "militarismo hereditário". O Capitão-mor Antônio Carvalho Bueno teve os seguintes filhos, que descobrimos: Ana (23.8.1801), Maria (9.2.1800), Joaquim (15.8.1804) e, novamente, Maria (7.12.1806). Todos com sua primeira mulher Bárbara Jacinta Leite de Moraes, filha do Capitão Francisco Leite de Moraes, natural do Porto, e de Úrsula Pereira de Andrade. Sua filha Emília Jacinta de Jesus casou-se com seu primo Antônio Joaquim de Carvalho, conforme se vê no assento batismal do filho Manoel, de 24.11.1830, onde seu genitor foi padrinho juntamente com sua madrastra Antônia Maria da Conceição ou Antônia Teresa dos Santos, filha do Capitão Manoel Pereira Costa e de Maria Antônia de Miranda). O Cônego franciscano João Mathias de Carvalho, "da Capela Imperial e Reitor do Seminário de S. José, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1855" (Costa Pereira, ob. cit., pág. 122), também era filho do Capitão-mor Antônio Carvalho Bueno. Como sobredito cônego custeou os estudos de "seu sobrinho Antônio Francisco Nóbrega, o Padre Nóbrega, como é mais conhecido e que tantos serviços prestou a São Francisco, logicamente este era neto de Antônio Carvalho Bueno, que tinha por cunhado o comerciante e escrivão José Caetano da Costa, natural de Santos, casado com sua irmã Maria da Luz. Sua segunda mulher, Antônia Pereira da Costa, casou-se com o luso Comendador Francisco da Costa Pereira, após o falecimento do último capitão-mor. Dito comendador, tendo enviuvado em 1850, contraiu novas núpcias com a poetisa Júlia da Costa.

Ante esse esboço biográfico, não é difícil afirmar que o Capitão-mor Antônio Carvalho Bueno foi, sem dúvida, o mais ilustre da longa lista de capitães-mores, que começa com Manoel

Lourenço de Andrade, o fundador de São Francisco do Sul.

Nossa contribuição está em que esse rol parece não estar completo, faltando ainda alguns nomes para completá-lo, suprimindo tal lacuna histórica. Veja-se por exemplo, que a lista não cobre toda a cronologia histórica da Vila de Nossa Senhora da Graça, havendo grandes espaços em branco. Ora, como a vila não se podia manter sem governo, forçoso é concluir que faltam alguns nomes de capitães-mores de fato ou de direito, que ficaram no olvido da História de São Francisco do Sul.

Pensamos ter descoberto dois desses nomes: o de Francisco de Miranda Coutinho e o do Capitão Manoel Pereira da Costa.

No assento batismal da neta, de 15.7.1832, Francisco de Miranda Coutinho foi nomeado CAPITÃO-MOR pelo Vigário Marcelino José da Silveira, que faleceu sem assinar o termo, embora o escrivão eclesiástico o tivesse lavrado. Seu sucessor, o Vigário Gregório José Lopes Nunes, assinou-o (Ana, filha de Manoel Pereira Lima e Cândida Maria da Conceição. Já no registro de Manoel, de 18.8.1833, irmão de Ana, o avô materno, Francisco de Miranda Coutinho, não foi intitulado "capitão-mor", como no do ano anterior. Logo, em 1832, Francisco de Miranda Coutinho teria sido capitão-mor, ou antes disso, pois, aos 27.12.1828 (Câmara, Sessão 25.^a), apreciou-se "o requerimento do Capitão Francisco de Miranda Coutinho, que, sendo notificado para tomar posse de Juiz de Paz para o ano futuro, requereu sua escusa alegando impossibilidades ... da idade de mais de 70 anos, sendo elas atendidas."

Logo, o referido Francisco de Miranda Coutinho foi capitão-mor de São Francisco do Sul em data anterior a 1828, mas certamente antes do Capitão Antônio Carvalho Bueno, ou, até mesmo, no eventual impedimento deste.

No registro de batismo de Maria, aos 28.5.1837 (livro de batismos n.º 8),

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

filha de João Jacinto Pereira e de Ana Maria de Jesus, o avô paterno é nomeado "Capitão-mor Manoel Pereira da Costa", ao passo que o materno é simplesmente "o Capitão Salvador Gomes de Oliveira", sendo a criança apadrinhada pelo "Capitão-mor Antônio Carvalho Bueno e D. Antônia Rosa de Miranda, casados".

Teria sido, igualmente, Manoel Pereira da Costa capitão-mor de São Francisco do Sul? Parece-nos que sim, pois, caso contrário, não se justificaria o assento eclesiástico com tal imprecisão. Ainda mais em se considerando que o último capitão-mor fora o padrinho da criança batizada.

O Capitão Manoel Pereira da Costa era filho de Gabriel Pereira do Bon-sucesso, natural de Paranaguá, de Ana Jacinta da Costa, "natural da praça da Colônia do Sacramento", sendo irmão de Ana Jacinta da Costa, natural de São José da Curitiba, casada com o Capitão Francisco de Miranda Coutinho, a sua vez, filho do Capitão Miguel de Miranda Coutinho, natural de Paranaguá, e de Isabel da Silva, natural de S. José da Curitiba. Em 10.7.1804, quando do batizado de sua filha Joana (livro de batismos n.º 5), ainda era alferes e casado com Maria Antônia de Miranda, filha de José de Miranda Coutinho, natural de Paranaguá, e de Ana Fernandes da Silva, natural de São Francisco.

Se era alferes em 1804 e capitão-mor em 1837, certamente é dentro de tal período que iremos encontrá-lo no posto de comandante do Terço das Ordenanças. Se o fez interinamente, não o sabemos. O fato é que ele foi nomeado capitão-mor da vila pelo Vigário da Vara em 1837.

Pensamos, pois, que, aos nomes já conhecidos dos capitães-mores de São Francisco do Sul, devem ser acrescidos os de Francisco de Miranda Coutinho e de Manoel Pereira da Costa.

Desse modo, teríamos a seguinte relação de capitães-mores:

- 1.º — Manoel Lourenço de Andrade — 1665 (?);
- 2.º — Tomás Fernandes de Oliveira — 1677 (?);
- 3.º — Gabriel de Lara — 1682 (?);
- 4.º — Domingos Francisco Franciscques — 1711 (?);

- 5.º — Agostinho Alves Marinho — 1720;
- 6.º — João Lopes Biscardo — 1721;
- 7.º — Agostinho Alves Marinho — 1721/1726;
- 8.º — Antônio de Oliveira Cercal — 1726/1729;
- 9.º — Sebastião Fernandes Camacho — 1733/1755;
- 10.º — João Tavares de Miranda — 1758/1769;
- 11.º — Domingos Correia — 1769/1770;
- 12.º — Antônio Tavares de Miranda — 1770/1777;
- 13.º — Tenente João da Costa Silveira — 1777;
- 14.º — Agostinho de Miranda Coutinho — 1778;
- 15.º — Antônio Tavares de Miranda — 1778/1890;
- 16.º — João Pereira Lima — 1791/1798;
- 17.º — Francisco Fernandes Dias — 1798/1817;
- 18.º — Francisco de Oliveira Camacho — 1817/1821;
- 19.º — Antônio Eugênio de Miranda Tavares — 1821;
- 20.º — Elias Antônio de Oliveira — 1821;
- 21.º — Antônio Carvalho Bueno — 1824;
- 22.º — Francisco de Miranda Coutinho (?);
- 23.º — Manoel Pereira da Costa (?).

E, de fato, Antônio Carvalho Bueno foi o último capitão-mor de São Francisco do Sul, como o encontramos em 1837, mas não, como pensamos, desde 1824 ininterruptamente, substituído que fora por Francisco de Miranda Coutinho e por Manoel Pereira da Costa.

Fontes consultadas:

- Livro de batismos n.º 1 da Paróquia de Nossa Senhora da Graça de S. Francisco do Sul (1795 a 1806);
 Livro de batismos n.º 8, "idem", (1828 a 1837);
 Livro de óbitos n.º 1, "idem" (1783 a 1802);
 Livros citados no texto.

DA AGENDA DO MEU AVÔ

Interessantes relatos publicados no jornal "Deutsche Nachrichten", de São Paulo, dia 3 de setembro de 1950 — Ano 4 — n.º 779, de autoria de Ruth Sallientien.

Entre os papéis de meu avô que era amigo de Dr. Blumenau e participou da fundação da Colônia Blumenau nos anos 1850-1865, encontra-se entre cartas, relatórios anuais e panfletos de propagandas, diversas coisas que esclareciam e iluminavam as condições da época. Estas pequenas luzes, iluminam, mesmo que fugasmente um quadro de esforço, e união alemã.

Com orgulho hoje, por ocasião do centenário de Blumenau, podemos visualizar esta época. Dos modestos aspectos e valente decisão que nos vislumbra destas pequenas anotações, mostra-se, a real personalidade alemã, que continua sendo modelo para nós.

1) Extraído de — "Diretivas para o emigrante" do Dr. Blumenau: Colônia Alemã Blumenau" do Dr. Blumenau, 1856, referente emigração. A soma mínima que uma família necessita para começar imediatamente sua colônia é de 150 taler por pessoa.

2) Casamento — Blumenau, relatório anual 1855: Em quase todos meus relatórios, frisei, que uma colonização individual na nova terra não é aconselhável para um solteiro. Um solteiro que tem que cuidar de tudo sozinho, não pode progredir na lavoura. Empregadas são difíceis e mesmo impossível de conseguir. Ainda elas não gostam de trabalhar para um solteiro. Valentes, ativas e econômicas mulheres alemãs estão faltando no Vale do Itajaí.

Aqui estariam adequadas as palavras de um relatório festivo do ano de 1865 (portanto 14 anos mais tarde): no grande posto onde realizavam-se os festejos dos atiradores, bem ao estilo alemão, onde as mais variadas coisas eram oferecidas — em especial alegria — uma das barracas chamou a atenção de todos: era o prêmio destinado ao Dr. Blumenau — uma guarnição de roupa para recém-nascidos — pois Dr. Blumenau era um solteirão convicto.

3) Botas, Blumenau, conselhos a serem observados pelos emigrantes: Botas de cano alto de acordo com as brasileiras, feitas de couro de bezerro, alargando-se dos tornozelos, não muito apertados em cima, bem alto até as coxas, protegem bem contra a chuva, lama e servem para guardar igualmente objetos como: cachimbo, fumo, alimento, camisa, meias, enfim são quase como uma bolsa de cela.

4) De relatórios do Dr. Blumenau 1870: 17 emigrantes — mas não muito alegre foi este início. Pesados e repetidos acidentes e prejuízos diminuam as poucas reservas. Com agradecida e reconhecida prestatividade, veio o auxílio do governo imperial que forneceu 10.000 (dez mil réis) como ajuda, para que o trabalho pudesse continuar.

5) 1851: A pergunta mais importante para os colonos, de que como encontrariam lugar seguro de colocar seus produtos, foi resolvido a cerca de dois anos para os moradores de Itajaí. Agora canceliras e compradores sobem regularmente o rio vindo de Santa Catarina

é São Francisco. Estes asseguram aos produtos da Colônia preços seguros e compensadores. Temos agora dois, às vezes três vapores maiores em contato com o Rio de Janeiro. — Não só é meu objetivo fornecer minha própria Colônia, mas todo Vale do Itajaí.

6) De relatórios 1853/57: Da maneira como a Colônia se expande e sempre mais clareiras aparecem, os selvagens sempre mais se afastam e apenas fazem ataques traiçoeiros. Contra estes ataques nos protegem as patrulhas de soldados. Como proteção dos ataques dos selvagens que descem do planalto serrano nos meses de verão temos 12 soldados para nos proteger.

Um exemplo do que às vezes os imigrantes sofriam com os ataques dos selvagens, mostra-nos o relatório de um francês que viajou pelo sul do Brasil em 1852 e visitou também Blumenau: Adolf viajou em 1852 para o Brasil e foi morar com seu irmão que possuía uma serraria em Águas Claras. Num ataque de índios recebeu várias flechas pelo corpo. Como não havia nenhum médico que pudesse extrair as mesmas, teve que ser amarrado a uma tábua e as flechas foram extraídas à força, o que deve ter sido bem dolorido, mas ele sobreviveu.

7) Por outra vez Dr. Blumenau relata: Um acontecimento de suma importância para nossa Colônia é a formação de uma sociedade de navegação fluvial. Sempre mais freqüentes e mais regulares os barcos pesqueiros, digo costeiros sobem o rio. Como estes barcos são de calagem rasa, chegam até uma distância de uma hora distante da Colônia, mesmo com o nível do rio baixo.

Aqui seja lembrada uma pequena estória que meu avô gostaria de contar nesta época. Um pequeno capitão teve o desprazer de ver seu barco encalhar num banco de areia. Foi quando resolveu colocar no mastro uma enorme ventarola tentando desencahar desta forma seu barco.

A fonte mais lucrativa, — escreve Dr. Blumenau em 1857 —, continua sendo a lavoura — em especial o plantio de cana-de-açúcar —. Os altos preços pelo açúcar e aguardente estimulam. Em relação a isto, encontram-se trechos nas cartas do meu avô no antigo tempo de Colônia no Itajaí. As caminhadas exaustivas e necessidades — escreve na época a mãe ao filho emigrado — parece que suportas com paciência e enorme força. Mas você tem razão, o homem pode viver com pouco e mesmo assim conservar sua alegria. Vejo com satisfação que esta alegria e união existe entre vocês. Em sua próxima carta precisas escrever uma vez detalhadamente onde se localiza sua propriedade.

Como podemos ver, através desta carta, meu avô já havia realizado seu grande desejo e era proprietário de uma colônia. Mas como era diferente a realidade de como a imaginava em seus sonhos.

Muitas vezes contou como construiu sua habitação primitiva em plena floresta. Escreve porém, para casa que a terra é extremamente fértil e com entusiasmo fala da nova terra, do novo mundo e dos amigos. Nunca reclama aos pais e irmãos sobre as necessidades que tem que passar. A caça, frutas silvestres o sustentam, até a primeira colheita do milho e feijão que trarão novo alimento. Principalmente plantou também cana-de-açúcar. Seus amigos já estavam providenciando o

maquinário para o preparo do açúcar em Magdeburg. Mas de acordo com suas cartas era uma verdadeira vida de Robinson, nem podíamos imaginar as enormes dificuldades que ele passava, bem como todos os imigrantes da época. Somente a força férrea os leva avante. As economias trazidas desapareciam aos poucos e uma entrada do próprio trabalho ainda não se fazia presente. Consumo interno de produtos não existia e exportar não era possível, até que mais tarde se iniciou o movimento fluvial. Mas apesar de tudo, nesta primeira época, a esperança e a vontade conseguiram com passo de magia extrair do nada um futuro próspero.

Em 1854, meu avô foi buscar sua esposa. De sua chegada a Blumenau ele fala com entusiasmo à família em Hamburgo. Mas também encontramos a seguinte passagem: "Quando Hanchen chegou à "cidade", de Blumenau, onde só encontrava-se um rancho, que nada se parecia com uma casa, ela começou a chorar amargamente. Certamente, tinha outra imaginação da cidade de Blumenau".

Mas já poucos anos mais tarde, meu avô pode enviar dinheiro para a Alemanha acompanhado de uma lista de compras que começa assim: "Principalmente desejo ter um forte piano e partituras. É música que mais falta a mim. Se calculo o dinheiro que gastava em concertos nos últimos cinco anos e o que economizei agora, vocês não acharão este piano uma extravagância. Também ficaria contente com uma toalha bordada por minhas sobrinhas para a banqueta do piano."

Apesar do progresso não corria sempre tudo bem, com os imigrantes. Ouvimos falar de uma enchente catastrófica em Blumenau. Esta enchente vinha regularmente, e já em 1850 é mencionada. — Depois de vários dias de chuva intensa, a água fica armazenada nas curvas onde pedras e rochas a impedem de seguir o curso natural. Desta forma alaga o centro da cidade e lugares mais baixos. O centro da cidade era mais ameaçado pela "Scharfe Ecke" (Ponta Aguda).

Um alargamento e aprofundamento do leito do rio, apesar dos apelos da municipalidade, continua um desejo insatisfeito (1855). Estas enchentes são catastróficas e muito prejudicam o desenvolvimento da cidade.

Na época da fundação da cidade, chegavam à Barra do Rio grandes pedaços de terra arrancados pela violência das águas. As vezes estes pedaços de terra ainda levavam restos de moradias. Eu lembro da passagem de uma com um berço de criança e um cachorro. O pensamento que no berço ainda encontrava-se um ser vivo nos emocionou muito.

Todas as necessidades e dificuldades das primeiras difíceis décadas da colonização não fizeram esmorecer a perseverança e a esperança. Já em 1865, tornara-se uma próspera pequena cidade. Alegres festas aconteciam. Muitos elementos haviam aparecido com os anos que cuidavam pela diversão. Também quermesses aconteciam, numa das visitas à uma barraca deparei com um quadro do Dr. Blumenau, em cima de uma escada, pintando o céu de azul — uma crítica à sua propaganda da colônia onde dizia "o céu é sempre azul em Blumenau". Os blumenauenses foram sempre alegres e continuam sendo.

Ass: Ruth Sallentien

**A evolução do ensino
público e particular,
divulgado pelo
"Blumenauer Zeitung"**

MITTEILUNGEN (Comunicações)

N.º 3 — 1.º ano — Março de 1903.

NOSSAS ESCOLAS NA CÂMARA

"No relatório anual, que nosso Superintendente Sr. Schrader fez na Câmara Municipal, no dia 06 de fevereiro deste ano, a nossa instrução pública foi submetida a uma apreciação detalhada.

Recebemos uma relação geral sobre as escolas do município de Blumenau. Para nós, foi uma grande ajuda para nossos relatórios. Recebemos as seguintes informações: Nome da comunidade escolar; ano de fundação; número de associados; número de alunos, especificando quantos rapazes e quantas meninas; propriedades e direitos da comunidade sobre os mesmos, inclusive o prédio da escola; ordenado mensal do professor; contribuições em mantimentos; mensalidade; contribuição mensal ou anual dos associados; número de professores que lecionaram na escola e os atuais; idiomas ensinados e condições em relação ao ensino da língua pátria; mais o nome do presidente da comunidade escolar.

De acordo com as informa-

ções recebidas, das 112 escolas do município, em 81 é ensinado o alemão; 4 brasileiros; 5 brasileiro e alemão; 4 polonês e alemão; 1 italiano e alemão e 17 é ensinado italiano. Para o ensino da língua pátria em todas as escolas, o número de professores é deficiente, inclusive o material escolar adequado. Baseado na tabela estatística, na colônia são arrecadados para a escolaridade 52 contos de réis. Se a administração das escolas passasse para a Câmara, seria necessário, para este fim, anualmente, 80 contos, uma soma que pesaria na balança dos impostos. Dificuldades escolares e técnicas se aglomerariam e deixam a concretização desta idéia visível para um futuro distante.

(Do mesmo folhetim)

ESTATÍSTICA ESCOLAR

No relatório do Superintendente de Blumenau, do ano de 1905, encontra-se uma preciosa estatística. Nas 112 escolas encontram-se inscritos: 2.158 rapazes e 1.814 meninas, formando um total de 3.972 crianças matriculadas. Os associados das comunidades somam 1.062.

OS ANOS DE FUNDAÇÃO SÃO:

1864 — 1 escola; 1866 — 1 escola; 1867 — 2 escolas; 1868 — 1 escola; 1870 — 4 escolas; 1871 — 3 escolas; 1872 — 3 escolas; 1873 — 3 escolas; 1874 — 1 escola; 1875 — 2 escolas; 1876 — 2 escolas; 1877 — 1 escola; 1878 — 1 escola; 1879 — 4 escolas; 1880 — 1 escola; 1881 — 1 escola; 1882 — 1 escola; 1883 — 1 escola; 1884 — 2 escolas; 1885 — 1 escola; 1886 — 3 escolas; 1887 — 1 escola; 1888 — 2 escolas; 1889 — 2 esco-

las; 1890 — 4 escolas; 1892 — 5 escolas; 1893 — 5 escolas; 1894 — 4 escolas; 1895 — 4 escolas; 1896 — 1 escola; 1897 — 1 escola; 1898 — 5 escolas; 1899 — 3 escolas; 1900 — 3 escolas; 1901 — 4 escolas; 1902 — 6 escolas; 1903 — 3 escolas; 1904 — 11 escolas e 1905 — 5 escolas.

Destas escolas, 50 se encontram em terrenos particulares; 47 em terrenos do Governo; 06 em terrenos hanseáticos; 05 em terrenos da igreja; 01 em terrenos da Câmara.

54 comunidades são proprietárias dos terrenos; 40 comunidades não são proprietárias dos terrenos; 77 comunidades são proprietárias do prédio onde funciona a escola; 04 escolas funcionam em igrejas ou capelas; 01 escola funciona numa igreja velha e 01 escola funciona num rancho que abrigava imigrantes recém-chegados.

— O pagamento dos professores é efetuado de acordo com o número de escolas da comunidade e vizinhança e é em média de 30 a 210 mil réis.

— Além disso, os professores recebem anualmente um pagamento adicional em milho: 23 escolas contribuem por associado com 2 quartos para aulas de doutrina, leitura, batizados extremos e enterros.

— Em dois lugares os professores recebem alojamento e alimentação. Alguns recebem pagamento pelas palavras pronunciadas num enterro.

— Como mensalidade, o aluno paga de acordo com a localização e tamanho da escola e varia entre 100 réis a 2 mil réis.

— Os associados contribuem também com uma anuidade, con-

forme as posses e que é de 200 a 500 réis.

n.º 3 — 1.º ano — Blumenau, março de 1903.

ESCOLA DE ITOUPAVA ALTA **Relatório Anual:**

Número de alunos: 60 (32 rapazes e 28 meninas). Estes alunos, no ano de 1905, tiveram 16.020 dias/horas de aula com 2.686 faltas. A escola tem 1 professor: Sr. Alfredo Nücker, com um ordenado mensal de 60\$000 réis. Anteriormente foram professores: Artur Helbig Rothbarth, Karl Kleine, Heinrich Heise e Emil Kunze. A escola foi fundada em 1879; 40 famílias estão associadas e o diretor é Reinhold Laffin. O dinheiro para a compra do terreno foi emprestado do governo municipal. Material necessário, no momento é: cadernos de caligrafia, modelos simples para as aulas de desenho, livro sobre regras de saúde e higiene, para as condições da região, livro de bordado para as meninas, uma indicação para jogos infantis, livro indicado para nossas condições. A escola está em perigo de desmoronar e uma nova construção se faz necessária e dos associados, no momento, a cooperação financeira, levando em consideração a difícil situação econômica de agora, é razoável.

N.º 01 — Ano 11 — Jan/1916.

RELATÓRIO DA ESCOLA **RIO DO SERRO:**

Ano de fundação: 1901; Associados naquele tempo: 15; Alunos naquele tempo: 12; Associados hoje: 65; Alunos atualmente: 90; Professores anteriores: 3; O atual professor está no cargo desde 1903.

A mensalidade é de 500 réis, e a 3.^a criança tem estudo gratuito. Os moradores, na maioria, são pomeranos. A escola atual é de alvenaria e foi construída em 1913.

Albert Rahn — Professor.

**N.º 64 — Blumenauer Zeitung
— Ano 34**

Sexta-feira, 13 de agosto de 1915.

“Lokalnachrichten” (Notícias Locais)

“Schulwesen” — Atividades Escolares.

Um pedido oficial foi feito pelo inspetor escolar deputado Barbosa Lima, que naturalmente visa as colônias alemãs do Sul do Brasil. Ele exige o ensino da língua portuguesa em todos os estabelecimentos particulares de ensino, sob pena de pagamento de uma multa de 1 até 5 contos ou fechamento da escola.

Com tais medidas drásticas,

não se promove nenhum idioma nativo ou costumes do país. Antes que o governo tome tais medidas, deveria em primeiro lugar, cuidar para que houvesse mais escolas. Pois é muito melhor uma criança ser alfabetizada em alemão ou outro idioma qualquer, do que deixar a mesma, ignorante e analfabeta.

Não está na natureza alemã deixar seus filhos sem estudo e faz grandes sacrifícios por isto. Tomando em consideração, a vastidão do Estado, é muitas vezes quase ou mesmo impossível, o ensino da língua portuguesa como é desejado. Mas de uma coisa o Sr. Barbosa Lima está certo. Todo alemão sabe o valor que o ensino do idioma português representa para seus filhos e não é preciso empregar métodos tão drásticos e prejudiciais, levando muitas escolas ao fechamento, em regiões afastadas e distantes, onde os habitantes ainda são poucos.

Branços e índios, uma guerra dentro da história

TRISTE CHACINA

**N.º 42 — Blumenauer Zeitung
— Ano 8 — Sábado, 20 de outubro de 1888.**

Retirado de um artigo do “Reform” (Reforma) de Joinville.

“Recebemos uma comunicação realmente interessante de um amigo de S. Bento, sobre um ataque a um acampamento de bugres, pelos próprios moradores do planalto serrano. Estavam envolvidos no ataque 60 homens armados. Ao chegar próximo do

acampamento, dispararam as armas de uma vez só, escolhendo cada um como alvo, um selvagem. Após os disparos, houve pânico entre os bugres. 30 foram mortos e muitos outros feridos gravemente. Todos, no entanto, foram eliminados impiedosamente, mulheres e crianças. Ninguém sobreviveu.

Mas o que provocou o ódio e revolta dos caçadores de bugres, foram as inúmeras provas encontradas no acampamento, tais como, roupas, utensílios domésticos

e objetos de uso pessoal. Foram provas evidentes que este grupo já atacara colonos. Mas o que chamou mais a atenção foi que ao amanhecer, e num reconhecimento mais rigoroso, encontraram mulheres e crianças de cor branca, olhos azuis e traços totalmente diferentes dos bugres. Sinais que comprovaram a veracidade do que já haviam sido notificados antes. Os bugres raptavam crianças dos colonos e estas nunca mais eram encontradas. Infelizmente, durante o ataque não foi possível distinguir estas crianças, porque era noite escura.”

REVIDE

N.º 7 — Blumenauer Zeitung
— Ano 25 — Sábado, 07 de fevereiro de 1906.

“Lokalnachrichten” (Notícias Locais)

“Quarta-feira, aconteceu um ataque de bugres em Pouso Redondo. Três homens foram feridos gravemente. Os ataques deverão se repetir, pois muitos selvagens da tribo dos coroados, vieram do Paraná. Provavelmente, querem vingar o ataque dos brancos. Se nossa comunicação com o planalto catarinense, não quiser sofrer uma paralisação, teremos que enviar batedores para reconhecimento e limpar as beiradas da estrada, para permitir melhor visão.”

MAIS VÍTIMAS

N.º 8 — Blumenauer Zeitung
— Ano 25 — Sábado, 24 de fevereiro de 1906.

“Lokalnachrichten”
(Notícias Locais)

“Dois dos homens feridos no ataque dos bugres, faleceram. Este último ataque foi o mais grave, e podemos considerar o mes-

mo como vingança pela captura das mulheres e crianças indígenas.”

NOVA CAÇADA

N.º 13 — Blumenauer Zeitung
— Ano 25 — Sábado, 31 de março de 1906.

“Lokalnachrichten”
(Notícias Locais)

“Burgerjäger” — Caçadores de bugres

“Como soubemos, em poucos dias acontecerá nova caçada aos bugres, quando aproximadamente 40 homens comporão a turma.

Já receberam ordem de não trazerem nada. Muitos coroados apareceram ultimamente mas, tornavam-se agora mais cautelosos. Não sabemos, se os caçadores não terão o mesmo destino da 2.ª expedição de José Bento, que não voltou da floresta. Quem assumirá neste caso, a responsabilidade das viúvas e dos órfãos?

Sem sentimentalismo oco, condenamos a idéia que surgiu ultimamente e que é a de catequisar os índios. Sempre, depois de uma expedição dos caçadores, os ataques se tornam mais violentos e custam a vida e propriedade de muitos colonos. Achamos melhor o desmatamento ao lado das estradas e o envio de picadeiros para localizar os bugres. Com a presença destes homens, os selvícolas serão afugentados.”

ATAQUE DOS COROADOS

N.º 15 — Blumenauer Zeitung
— Ano 25 — Sábado, 14 de abril de 1906.

“Lokalnachrichten”
(Notícias Locais)

“Indianerüberfall” — Assalto de índios

“Terça-feira, os coroados atacaram 5 km acima de Rio do Sul

(Südarm), o guardião da linha telegráfica, Sr. José Leite, feriram-no no braço e mataram dois animais de sua propriedade."

ATAQUE EM POUSO REDONDO

N.º 33 — Blumenauer Zeitung — Ano 25 — Sábado, 18 de agosto de 1906.

"Lokalnachrichten"

(Notícias Locais)

"Buger" — Índios ou bugres

"Domingo, novamente um bando numeroso de bugres, foi visto em Pouso Redondo. Os selvícolas mataram um cavalo do Sr. August Küster. Na estrada em construção para o planalto serrano, trabalham cerca de 60 operários, inclusive a turma de manutenção da linha telegráfica. A presença destes homens, provavelmente, impediu um ataque mais violento."

VIOLÊNCIA INDÍGENA EM HANSA

N.º 33 — Blumenauer Zeitung — Ano 25 — Sábado, 03 de novembro de 1906.

"Lokalnachrichten"

(Notícias Locais)

"Bugerausbruch" — Ataque de bugres

"Pela segunda vez, os moradores da Hansa foram vítimas de um ataque de bugres, desta vez bem mais grave. O ataque começou no Scharlach, na propriedade do Sr. Krause. Mataram uma filha deste senhor e feriram uma outra. Aproveitaram a ausência do dono, atacaram as crianças, saqueando a casa e destruindo o que encontraram pela frente. Se não forem tomadas providências enérgicas, a Hansa será palco de

mais ataques e não é de admirar que moradores em pânico, procurem abandonar a região."

COMBATE E PRISIONEIROS

N.º 52 — Blumenauer Zeitung — Ano 25 — Sábado, 29 de dezembro de 1906.

"Novamente, Martinho, o caçador de bugres, conseguiu afugentar os selvagens, segundo um telegrama do Sr. Leopold Kuo-blanch comunica ao Sr. Zittlow: Martinho chegou da floresta hoje, dia 26 às 10 horas com sua turma. Perdeu um homem que foi morto em combate e um outro foi ferido por setas. Martinho trouxe 10 bugres, entre os quais 2 mulheres, 5 meninas da tribo dos coroados e mais 3 rapazes da tribo dos botocudos, assim como, numerosas armas indígenas. Encontrou um grande acampamento de 190 palhoças nas imediações de Pombas. Houve luta violenta. Martinho, com sua turma, enfrentou cerca de 200 selvagens. Agora seria o momento certo em que a "Liga Patriótica" de Florianópolis enviasse pessoas competentes à floresta e que tentassem uma aproximação com os índios. Se não é este o objetivo da Liga, então o resto são palavras perdidas, porque por mais bonitas que sejam, não protegem colonos nem propriedades."

O COMPORTAMENTO DOS CAPTURADOS

N.º 1 — Blumenauer Zeitung — Ano 26 — Sábado, 5 de janeiro de 1907.

"Lokalnachrichten"

(Notícias Locais)

"Sábado passado, chegaram a esta cidade, as mulheres e crianças indígenas capturadas. As

mesmas foram alojadas numa dependência do convento franciscano. Muitos curiosos se juntaram para ver os índios, que não foi permitido. Aqui lhes foi apresentada a menina presa há pouco mais de 1 ano atrás, e a mesma logo reconheceu as recém-vindas. Foi logo rodeada e examinada com curiosidade. Uma das meninas, ela reconheceu como sua irmã e foi levada pelo Sr. Paul Zimmermann, que pretende criá-la. Todos os outros selvagens que já tinham sido presos anteriormente, mostraram grande medo dos novos índios que acabavam de chegar. Como nos foi dito pelo caçador Martinho, a floresta está cheia de bugres e considera verdadeiro milagre que sua turma só tenha perdido um homem, e ele receia novos ataques. O que acontecerá agora? Uma vingança do bugres? Martinho terá coragem de arriscar nova entrada na floresta? Não seria mais interessante presentear as índias cativas e libertá-las novamente? A "liga patriótica", deveria tomar providências. Se a tentativa falhar, continuaremos a travar batalhas de vida e morte com os selvagens."

NOVO ATAQUE EM HANSA

N.º 3 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 10 de fevereiro de 1907.

"Lokalnachrichten"
(Notícias Locais)
"Buger" — Bugres

"As previsões do caçador de bugres Martinho, se confirmaram. Na região da Hansa, novo ataque está sendo esperado, pois os selvagens foram vistos bem próximos."

ATAQUE E FURTO

N.º 4 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 26 de janeiro de 1907.

"Lokalnachrichten"
(Notícias Locais)

"O Sr. Zittlow, recebeu dia 21 deste mês, o seguinte telegrama: Os índios atacaram logo abaixo da serra, a casa do Sr. Miguel Ilben e a de seus cunhados. Os índios levaram tudo que encontraram, roupas, utensílios domésticos, etc. Peço o favor de realizar uma coleta para estas pessoas que perderam tudo que tinham, salvando apenas a vida.

Knoblauch."

Nota da redação: Felizmente vidas humanas não temos a lamentar mas, a violência com que foi realizado o ataque revela a agressividade dos índios. Chegou agora, enviado pela "Liga Patriótica", o Sr. José Bernardino da Silveira, que pretende iniciar um contato com os selvagens e fundar junto a Pombas, uma aldeia onde pretende reunir os mesmos. Por ordem do governador, foram entregues a ele as duas mulheres e uma criança recentemente capturadas. O Sr. Bernardino levou as mulheres para Pombas. Estamos realmente ansiosos para saber se as tentativas do Sr. Bernardino serão coroadas de êxito. Só esperamos que as duas índias não desapareçam na viagem."

FUGA

N.º 5 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 2 de fevereiro de 1907.

"Lokalnachrichten"
(Notícias Locais)

"Nosso receio de que as duas mulheres indígenas presas e entregues aos cuidados do Sr. Ber-

nardino, emprenderiam uma fuga na primeira oportunidade, se confirmou.

O Sr. Bernardino para não cansar demais as mulheres com a longa viagem, resolveu fazer a mesma em etapas curtas diárias. No primeiro dia, pousou na casa do Sr. Peter Jork, onde alojou as duas numa dependência de madeira, junto à casa do referido senhor. Quando o Sr. Bernardino, na manhã seguinte, abriu a porta, as mulheres tinham desaparecido, para nunca mais serem vistas.

O Sr. Bernardino queria seguir até Pouso Redondo e lá libertá-las, presenteando-as regiamente, querendo com isto, demonstrar aos selvagens que não pretendiamos segui-las e fazer-lhes algum mal. Mas as mulheres receando, provavelmente, represálias dos maridos, caso chegassem com um "cara pálida", trataram de fugir.

Será que o Sr. Bernardino entrará na floresta e deixará os presentes para os bugres? O mesmo seguiu viagem sozinho e já deve ter chegado ao local escolhido.

A sugestão dos presentes já fizemos há vários anos atrás, quando José Bento fez a 1.^a razzia. Mas esta entrega devia ser feita periodicamente como nos tempos da direção colonial, suprimindo desta forma a necessidade dos índios. Se não acontecer o mesmo, receamos que os esforços da "Liga Patriótica" falhem completamente. Para contactar com os índios, é preciso conhecer seu idioma, o que não acontece com o Sr. Bernardino. Desejamos ao referido senhor bons resultados na difícil solução deste problema.

CATEQUESE

N.º 9 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 02 de março
de 1907.

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais)

"Os selvagens da tribo dos coroados, atacaram esta semana novamente, a colônia do Sr. Knoblauch, sacrificando animais acompanhado de enorme algazarra e gritaria. Será que estão festejando o regresso das duas mulheres? E onde está o Sr. Bernardino? Ele se encontra em Pombras, contratando bugres "domesticados" para contactar com os outros selvagens, mas se eles prestam para tal serviço duvidamos, porque não deixam se ser seu "povo" que ronda a região de Pombras. O empreendimento "catequese", parece resultar num belo fracasso."

NÔMADES

N.º 23 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 08 de junho
de 1907.

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais)

"De acordo com um telegrama do Sr. Frick, endereçado à "Liga Patriótica", ele visitou o acampamento dos botocudos (?) na fazenda Pimpão, sem que fosse molestado pelos mesmos. (Provavelmente trata-se de coroados que são inofensivos), a não ser que encontrem em "caçada", que às vezes levam semanas e meses. Se estes selvagens residentes recebem licença para suas periódicas caçadas, então não são nada melhores que seus irmãos botocudos. Não devemos reconhecer estes índios residentes como civilizados, pois não se dedicam ao cultivo da terra, criação de gado ou

uma vida ordenada. Levam uma vida inconstante de nômades e fogem visivelmente de qualquer trabalho. Vivem principalmente, de assaltos e roubos. Se for verdade a notícia, que o Sr. Frick instiga os selvagens à vingança, podemos ter a certeza de próximos ataques."

RELATÓRIO MENTIROSO

N.º 30 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 27 de julho de 1907.

"Lokalnachrichten"
(Notícias Locais)

"O Sr. Heinrich Reuter pede esclarecer o seguinte: O relatório do Sr. Frick, não é verdadeiro. Até o presente momento trabalhou com capital próprio e muito menos com capital franciscano. Também não é verdade que a mulher de Silva vive em completa miséria e a concessão de terra pelo governo, também não corresponde à verdade."

MARTINHO E FRICK

N.º 31 — Blumenauer Zeitung
— Ano 26 — Sábado, 03 de agosto de 1907.

"Lokalnachrichten"
(Notícias Locais)

"Bugerzähler" — Domador de bugres — Sr. Frick

"Quinta-feira à noite voltaram os Srs. A. Frick e Bernardino da Silveira de sua excursão ao interior. Resultados práticos o Sr. Frick não pode apresentar — o que comprovamos pelas fotografias apresentadas — Sr. Frick agora quer a prisão do caçador de bugres, Martinho e a liberdade das crianças presas, sem as quais uma aproximação é impossível. Principalmente quando imaginamos a péssima impressão causa-

da pelas declarações das mulheres aprisionadas e que conseguiram fugir. O pedido no sentido da libertação das crianças, foi rejeitado pelo governador. Desta forma, se apresenta uma excelente oportunidade ao Sr. Frick de retirar-se com dignidade do caso, pois como o mesmo disse "não tem dinheiro para perder". Mas para o Sr. Frick, a missão não foi em vão: comprou uma grande leva de armas indígenas, entre as quais o tacape que foi usado no ataque ao Sr. Bento José da Silva e resultou na morte deste em Trombudo. Sobre a morte deste, o Sr. Frick tem a seguinte versão: José da Silva morava em Trombudo, vivia maritalmente com uma moça de Curitiba e tinha dois filhos. Recebeu um lote do governo, mas estava trabalhando na medição do capital franciscano. A mulher se encontra na miséria e não tem direito à herança. Silva foi abatido na cozinha de sua casa e a sua mulher ferida. Enquanto nós nos dispomos a receber donativos para a mesma, não assumimos nenhuma responsabilidade sobre o que o Sr. Frick declarou."

N.º 13 — Blumenauer Zeitung
— Ano 27 — Sábado, 28 de março de 1908.

"De um artigo escrito pelo Dr. Hugo Gensch, referente a outro publicado no "Der Urwaldsbote", criticando as pessoas que tomaram crianças indígenas sob seus cuidados e criar as mesmas como filhas. O mesmo jornal continua instigando na continuação de formar novos caçadores de bugres (os quais Dr. Gensch combateu severamente). Como diretor e redator, são ami-

gos do perverso pacificador de bugres de Santa Catarina, Sr. Frick, os mesmos começam uma campanha difamante contra o médico, que neste jornal responde aos mesmos.

No n.º 76 do "Der Urwaldsbote", foi encenado um novo ataque aos bugres, sem que os mesmos molestassem ninguém nos últimos tempos. Parece que os senhores vislumbram uma nova luz; uma luz assassina, como antigamente se pregava. Um dos patrões do senhor redator do "Der Urwaldsbote" e o mesmo, que tem certa influência, afirmou na minha casa, onde esteve como convidado, que estes "atos heróicos", contra indefesos pelas vermelhas em Blumenau não aconteceriam mais. O revólver e armas brancas assassinas de selvagens, foram colocadas no museu. Mas o Sr. "Urwaldsbote" é somente sanguinário e ultimamente foi iluminado por um toco de luz pedagógico.

O Sr. "Urwaldsbote", se revela raivosamente contra os sapatos e meias que estas pobres crianças indígenas calçam; contra as famílias que as educam e a maneira como isto é feito — maravilhosa a idéia humanitária que estas pessoas têm — sobre aqueles que com bom e carinhoso tratamento os acolheram, pois também de um índio nu em pouco tempo se pode fazer um ser humano decente.

Que estas crianças se comportam melhor que muitas residentes na Alameda Rio Branco, que andam bem vestidas e alimentadas, o enraivece. Eu estou sendo julgado em primeira mão, com esta infantil e ridícula afirmação e depois também, todos os

outros naturalmente, que se dedicam a educação de uma criança índia, sob seus cuidados. São pessoas católicas, protestantes, brasileiras, prussianos, italianos, alemães e budistas. Estes ataques são diretamente dirigidos ao Sr. Cunha Silveira, Margarida, Veiga, Leopold Zimmermann, Paul Zimmermann, Brieckheimer, Ebert, Vicente Scheefer, Sra. Flesch e Sr. Benjamin Galloti. São todas pessoas que têm um carinho todo especial para com estes órfãos e fazem o possível para educá-los bem. Todos fazem o que podem, nem mais, nem menos.

Olhe o senhor para a educação de seus próprios filhos, para que um dia sejam homens de verdade.

O tranqüilo e calmo trabalho do verdadeiro amor humanitário, mudou até o presente momento, muito na questão indígena. O julgamento das pessoas se tornou mais suave. Todos se convenceram que estas crianças não são realmente o que imaginam. Seres humanos que num momento oportuno, avançariam na garganta de seu pai de criação, para vingar a morte de seus semelhantes. Bem ao contrário. São crianças carinhosas e muito inteligentes. Se o Sr. "Urwaldsbote", quer fazer crer a seus leitores que o clero usa as crianças entregues aos seus cuidados, para trabalhos serventis, se engana. Das sete ou oito crianças que estavam sob os cuidados do Pe. Schmees, só um rapaz sobreviveu e o mesmo, há pouco tempo, levado para as montanhas, nas quais se esperava encontrar seus parentes, só ao ouvir o nome "Martinho", começava a chorar e

tremer de medo. Hoje, este rapaz é o orgulho do ginásio em Florianópolis.

Como reverso da medalha e para — talvez em vão — nos corações dos obstinados adeptos da caça aos bugres, despertar uma pequena reação, relato aqui, que a menina mais velha destas crianças, até o último momento foi dedicada e zelosa por seus irmãos de cativeiro, mas morreu de fome. — Não quero mais comer — Mcajélan — dizia. Era o maior sinal de luto por seus companheiros de cativeiro, que por semanas choraram, já com as famílias que as acolheram, a morte da companheira.

Ponha o senhor quantas meias e sapatos que possa comprar com sua diária. ELE (Urwaldsbote), não as compra.

Na minha atividade, desde que seja prática e possa levar a um prático tratamento da questão indígena, o farei. Sem muitos preâmbulos, mas com dobrado esforço, cheguei a um vocabulário de 800 palavras. O manuscrito está depositado no Museu para Estudos Sociológicos em Berlim e será trabalhado por mim e publicado muito em breve. Para este trabalho, já tenho o reconhecimento e aprovação de autoridades e pessoas ilustres.

Trata-se de um idioma até agora completamente desconhecido e que parece ser a chave da idéia da descendência indígena do macaco. Este tratado será publicado pelo Instituto alemão. Portanto, os sábios do "Urwaldsbote" que se tranqüilizem!!!

Minha esposa e eu fizemos de uma criança selvagem, que antes nunca tinha visto uma casa civilizada, com amor e cari-

nho, em 1 ano, uma menina que em comportamento pode servir de modelo e daremos à ela tantos sapatos e tantas meias quanto quisermos.

Sou da opinião que esta forma é a mais útil, a mais cristã e mais social de encarar o problema indígena, do que o acontecido há pouco tempo no quartel daqui.

No quartel de Blumenau, foi mostrado há cerca de 2 anos e meio, a rapazes, em troca de 1 mil réis (que depois foi reduzido a 500 réis), as partes genitais de duas infelizes mulheres índias, cujas crianças e maridos, haviam sido mortos. Uma das mulheres ainda levava nos braços uma criança de colo. Era a tia da menina que tenho a felicidade de criar — Mai-tschuksima — seu nome no convento, Margarida.

Se este infame, embolsou o dinheiro "admajoram culturae gloriam" ou para anúncios no "Urwaldsbote", foge aos meus conhecimentos, mas o dinheiro foi visto por este, que está escrevendo estas linhas.

O Sr. "Urwaldsbote", ainda faz uma série de acusações, como por exemplo, crianças de cor não devem ser aceitas em escolas alemãs, etc. Eu já eduquei uma criança brasileira, sem precisar dos serviços da escola alemã, apesar de ser sócio da mesma. Fogue ao meu conhecimento se alguma das famílias que adotaram crianças indígenas precisaram dos préstimos da escola alemã. E o pretinho que a frequenta agora, não é da minha conta, mas sim da direção da escola e principalmente, do "senhor" que o envia para lá.

Ass.: Dr. Hugo Gensch".

A Colônia Príncipe D. Pedro

A EFECÇÃO DE UMA LEVA DE IMIGRANTES AMERICANOS
QUE SE INSTALOU NO VALE DO RIO
ITAJAÍ-MIRIM E QUE PASSOU DESPERCEBIDO DA
HISTÓRIA DEVIDO AO FRACASSO DE SUA ADMINISTRAÇÃO

“Se o mel não é mais límpido nem mais perfumado, nem mais saboroso ou nutritivo, não condeneis a abelha. A culpa é da flor, em cujo cálice ela, pertinaz e diligente, o procurou e colheu”.
(Humberto de Campos)

Passam-se os dias e surgem novas informações sobre a fundação, administração e decadência de uma colônia de americanos no Vale do Itajaí-mirim. Entretanto, ainda muito confusa está a sua literatura (1). Vimos, há anos, trabalhando nesta pesquisa para definir a administração da Colônia Príncipe D. Pedro, como um todo específico, das origens que deram motivo a entrada de re-imigrantes americanos ao desenvolvimento de suas atividades agrícolas e as consequências de seu fracasso para a miscigenação cultural da região. Queremos apresentar algumas linhas de avaliação dessa corrente migratória, nossa visão atual, embora sem esgotar a pesquisa, achando bom publicar diante das histórias tão mal contadas envolvendo sua gente. A par do sucesso da imigração alemã, o Vale do Itajaí-mirim ensaiou várias migrações com diferentes resultados. Um destes ensaios foi o da Colônia de Americanos (2) e re-imigrantes ingleses, irlandeses e franceses. Sua administração, um fracasso. Levantar o insucesso de uma colônia, para qualquer escritor, não é

nada gratificante e muito menos projeta-lhe popularidade no mundo das ciências sociais. Consolame o dito de um antigo professor de sociologia. Pe. Murphy, que costumava dizer que “um escritor se mede pela atualidade de seus escritos e não por ibope”. Levantar sua origem como colônia fracassada, é encontrar erros e culpados. Perigoso, portanto. Mas, querer esquecê-la é negar que o presente contenha sementes do fracasso e da irresponsabilidade de alguns administradores. Ponho-me a ocupar a função administrativa do empreendimento para buscar subsídios à causa histórica e social. Com os grupos sociais, em função dos direitos da pessoa, não há como ensaiar uma organização sob pena das seqüelas se enraizarem na estrutura geográfica, histórica e social dos descendentes. Em empreendimentos públicos, tomar decisões paliativas não gera dividendos.

LOCALIZAÇÃO

A Colônia Príncipe D. Pedro situava-se nas terras devolutas, à

margem direita do Rio Itajaí-mirim, abrangendo a propriedade particular de Franz Sallentien, cuja atividade consistia na exploração da mata nativa, comercializando a madeira através de seu engenho de serra no Ribeirão do Mafra, à base do trabalho escravo. Tais terrenos foram comprados pelo Governo, posteriormente, e incorporados à Colônia, já em seu valor diminuído pelo antigo proprietário que buscava então novas áreas virgens. As terras da colônia partiam do Rio Itajaí-mirim, margem direita, ao encontro do divisor de águas e depois as vargens do Rio Tijucas Grande, até as imediações do Rio Braço onde havia resquício de uma Colônia de Italianos. A Colônia Dom Afonso sofrera do isolamento social, do ataque do bugre e da falta de subsídios agrícolas.

A sede da colônia foi localizada, às pressas, inicialmente, na confluência do Ribeirão Águas Claras com o Rio Itajaí-mirim. Ali começava a área de colonização. Houve uma tentativa posterior de relocar a sede para um lugar pouco acima, hoje entre o Cedrinho e o Bairro Águas Claras, em função da planície. Mas não ficou bem definida a questão e a rotatividade de diretores dificultou a realização do plano. Sabe-se que o Dr. Cottle não recebeu aprovação do Governo Imperial pela localização da sede. As informações chegadas por intermédio do Eng^o. Carlos Felipe Garçon Rivieri, que por lá esteve em 1858 e 1861, dava conta da fertilidade das várzeas, sem alusão aos terrenos montanhosos do divisor de águas:

“Calculo a superficie dos terrenos possuídos nas duas margens do Itajaí-mirim em 40.000.000 de braças quadradas. A vista de tão grande extensão de terras ocupadas poder-se-ia supor que a lavoura existe em grande escala. Infelizmente, assim não acontece...”

Suponho que o Governo conhecesse efetivamente o que determinava e que desejasse estabelecer uma povoação mais acima da Colônia Itajahy. Senão, como se explica o investimento imediato na abertura da Rodges Rod? É provável que uma colônia nas nascentes do Mirim projetasse futuro à picada vinda de Lages e que, na ocasião, estava sendo estudada ligando a Colônia Itajahy.

ARREGIMENTAÇÃO

Os imigrantes vinham embarcados de New York, em contrato celebrado entre o Governo Imperial e a “United States and Brazil Steam Ship Company”. Bom número deles re-imigravam de pátria distante: a Inglaterra, a Escócia, a França, a Irlanda, a Itália... Haviam chegado ao final da década de 50 e 60 daquele 1800. Muitos tinham sido convocados, arregimentados e aliciados pela Guerra da Secessão que devastou o país americano de alto a baixo, criando uma massa de desempregados sem igual ao redor das cidades. Terminada a Guerra Civil, a lavoura estava arrasada. Não havia mercado organizado para a produção agrícola. A indústria não absorvia certos produtos como o algodão, de enormes extensões. As famílias fugiam para os grandes centros na esperança de dias melhores.

muitos, em começo de abril, ergue-se o barracão provisório, coberto de folhas de palmito, da futura colônia. Distava apenas 6 km da sede da colônia vizinha.

Enquanto os lotes eram demarcados, a ração distribuída por igual, um grupo explorou o ribeirão indo ao encontro às suas nascentes. As notícias de ouro não são confirmadas, embora havia a suspeita do aluvião no Ribeirão do Mafra.

ADMINISTRAÇÃO

Os primeiros relatórios (5) mostram o encaminhamento das atividades agrícolas e a adaptação geral dos colonos, como se observa a seguir:

“Os novos colonos se mostram satisfeitos, em geral, com o bom andamento da colônia e com o bom tratamento recebido...”

Mas, não foi por muito tempo. Von Schnéeburg, em abril, solicita e consegue licença do cargo de Diretor da Colônia Itajahy para tratamento de saúde. É substituído pelo Dr. Cottle, da Colônia Príncipe D. Pedro, contra a vontade dos demais funcionários da administração: Maximiliano von Borrowsky — professor e auxiliar de Schnéeburg, e do Eng. Frederico Heeren, agrimensor das colônias. Se não bastasse, a disputa pelo cargo de “substituto” tem antecedentes que inclui a participação do Pe. Alberto Gattone. Observe neste texto a dependência do Diretor à vontade dos subordinados:

“... Reconheci como primeira e mais necessária urgência de instalar um Guarda-Livros e secretário, que deve ser encarregado de todos os livros da Diretoria,

de toda correspondência em brasileiro e alemão e por eu não falar, nem entender a língua alemã, de ouvir os colonos e submeter-me os pedidos dos mesmos”. (7)

Que resultado teria uma administração cujo Diretor não se entendesse com o Secretário por questão de idioma? Como resolver os problemas de subsídios aos colonos, divisas de terras, sementes, ferramentas agrícolas, etc, etc, falando outra língua? Não haveria preferência aos americanos?

Esta foi a cilada da administração do Dr. Cottle que, viceralmente, acabou envolvido em má administração dos dinheiros públicos. Processado este, um substituto alemão assume a direção da Colônia Itajahy e também da Americana. Teriam condições, novamente, de se entender quando se conhecia que este estava viciado? Triste destino o dos americanos nas mãos das arbitrariedades do Governo Provincial. As substituições são frequentes. As reivindicações, nunca atendidas. A Colônia, preterida à sua vizinha. Acusados de brigões depois pelos historiadores que não encheram a instabilidade administrativa como motivo para fuga e abandono dos lotes. Esquecem o espírito de luta e heroísmo vividos nas terras da Secessão? Por que acusá-los de soldados?

Efetivada a substituição, assume Klitzing a Colônia Itajahy. Von Schnéeburg afasta-se da Colônia, doente, amparado por mulato, sem qualquer despedida. Termina sua missão da mesma maneira que iniciou: no silêncio.

A administração de Klitzing não foi melhor do que a de Cott-

le. Notícias envolvendo dinheiro público repercutiram na Corte. Houve várias tentativas de solucionar os constantes motins provocados por colonos. Em um, Pe. José Lazemby, vindo do Colégio São Salvador, inspira nos colonos a moralização dos costumes e o espírito de luta. Não basta a religião quando o problema, entretanto, é fome e marginalização. A descontinuidade dos subsídios agora é agravada pela descoberta da qualidade ruim das terras para a lavoura. Mais um erro talvez.

“O terreno que foi destinado para esta Colônia, segundo a descrição feita pelo engenheiro que a demarcou, devia conter boas terras para a cultura; as explorações, porém, ultimamente feitas, por ocasião da divisão dos lotes, não confirmam aquela informação, encontrando-se em quase toda parte vales estreitos e montanhas escarpadas, que não se prestam à cultura, principalmente pelo arado...” (6).

Diante destes fatos, está constatada a miséria da Colônia e a irresponsabilidade dos dirigentes. A leva de imigrantes poloneses re-imigra por iniciativa de Saporsky, em setembro de 1871. Igualmente, os franceses e os italianos buscam as terras de Cananéia, Blumenau e Desterro. Americanos e Irlandeses, dispersos, continuam viagem para a Baía do Prata.

Resguardando sua participa-

ção no caso, o Governo Imperial ordena a vinda do Agente de Colonização para fiscalização das várias Colônias do Estado. Ao chegar na Colônia Príncipe D. Pedro, Luis Manoel de Albuquerque Galvão, prefere ali ficar para avaliar o resultado desastroso das administrações e, quem sabe, soerguer a Colônia dos escombros. Diante dos relatórios apresentados, o Governo Imperial muda de idéia. Anexa as administrações cujos territórios seriam igualmente unificados em 1873. E chama de volta o Agente de Colonização. Dois anos depois encontra a pessoa certa para dirigir a malograda experiência com americanos, na pessoa do Dr. Luiz B. P. Leme. Inicia-se a fase de redenção.

RESULTADOS DESTA EXPERIÊNCIA

Este ensaio de assentamento de famílias americanas legou sérios problemas cujos riscos se perpetuariam na atividade agrícola do Vale do Itajaí-mirim. Assim, merecem estudo mais apurado:

- a) o início do êxodo rural e a transmissão da dívida colonial aos colonos subseqüentes;
- b) a alta taxa de rotatividade dos proprietários nos lotes coloniais;
- c) o retaliamento dos lotes produtivos, forçando a saída da

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

- l) mão-de-obra para outra atividade econômica (secundária);
- d) a ocupação demográfica de áreas inóspitas e baixo conhecimento do uso racional do solo;
- e) a exploração da madeira, a grande riqueza que subsidiaria a indústria de transformação, sendo típica a figura de João Eauer;
- f) as tentativas de repovoamento da região: poloneses e italianos. A escolha de novo assentamento demográfico no Vale do Tijucas Grande.
- g) a fusão dos povos migratórios alçados e a riqueza (?) de suas culturas.

Relação de alguns imigrantes americanos encontrados na Colônia Príncipe D. Pedro, em dezembro de 1869.

1. Martin Flemming
2. James Gould
3. William Henry Clive
4. Patrick Murphy
5. Hugh Brady
6. Alexander Johnson
7. Robert Lewis
8. John O'Neil
9. Peter Kennedy
10. John Brien
11. James Lee
12. Nancy Norton
13. Michel Fritzgerald
14. John Stone
15. Joseph Stuart

FONTES: Documentos do autor

QUADRO COMPARATIVO CASADOS/SOLTEIROS ANO 1869

Colônia	N.º solteiros/ viúvos	N.º casados	Total
Colônia Itajaí-Brusque	999 (59.71%)	674 (40.29%)	1673
Colônia Príncipe D. Pedro	217 (58.49%)	154 (41.51%)	371
	1216 (59.49%)	828 (40.51%)	2044

FONTES: Documentos da Colônia Itajaí-Brusque — SAB
Documentos do autor

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial Blumenauense

N.º de imigrantes encaminhados para a Colônia Príncipe D. Pedro do Itajaí-mirim pela Agência Oficial de Colonização no período de fevereiro de 1867 a abril de 1869.

Imigrante	ANO			Total
	1867	1868	1869	
Americanos	237	22	—	259
Alemães	61	37	—	98
Ingleses	108	249	13	370
Irlandeses	129	114	3	246
Escoceses	1	3	5	9
Franceses	76	6	—	82
Belgas	4	—	—	4
Holandeses	—	7	—	7
Suíços	5	4	—	9
Italianos	10	4	—	14
Espanhóis	2	—	—	2
Canadenses	5	1	()*	(6)*
Suecos	8	1	()*	(9)*
Dinamarqueses	3	—	()*	(3)*
Outros	21	9	—	30
TOTAIS	670	457	(21)*	(1.147)*

OBS. (*) dados incompletos.

FONTE: Documentos originais do Arquivo Histórico D. Jaime-Azambuja.

To

His Excellency the Honorable President of the Province of Santa Catherina

Respected Sir:

I Have for a long time perceived that it would add much to the peace and prosperity of the Colony of Principe Dom Pedro, if all the officers of the Colony were English, or originally spoke that language, because such persons would more of the Colonists, and the same time understand their national peculiarities.

The Enginier of the Colony is objected to by the Colonists at large, because of his imperfect knowledge of their language, and because of his always giving a decided preference to the Ger-

mans, in the distribution of the public works of the Colony, because of his habits of intoxication, because of his interfering in their drunken quarrels, and last but not least, on account of the ridicule and contempt that he at all times shows to all religions, especially to the Catholic Religion.

The Colonists have many times stated to me that the Enginier was intriguing with them, sowing seeds of discontent and dissatisfaction, and striving with all his power to raise a party in his favor, to the end that he might become Director of the Colony.

They also tell me that he has accused several secret meetings to

be held of a few dissatisfied persons; and the Engineer and Secretary have canvassed the Colony with great labor, with a petition to the end of my removal, and his occupying the past.

Your Excellency gave an order to the Engineer to open a road from the waters of the Itajahy, to the waters of the Tijuca, which work, according to the estimate of the Engineer amounted to eight or nine contos of reis, not one gard of wich was givers to the Colonist, but by contract to a friend who was carefull to employ al the labor from another Colony.

In addition to the above a large amount of work besides was gevin to this friend, at large rates, and no colonist employed on it, and that without notifying or consulting me, in any particular on the other hand it was arranged with the greatest secrecy, and hurried through to completion before I cold know any thing about it. I here have been repeated instances of this sort of dealing, that for the sake of peace and to avoid difficulty. I have submitted to until patience has ceased to be a virtue, and it can not be born longer, inasmuch as the Government holds me responsible for all that is done in the Colony.

For the above and ather grave reasons, I desire Your Excellency would remove from his present position, the Engineer of the Colony of Principe Dom Pedro, and another sintable persons be appointed in his place.

Please give this matter Your Excellency's carefull consideration, as I have difficulties sufficient to encouter, without the want

of cooperation and intrigues of officers of the Colony.

I am with the almost respect Your Excellency's most obedient and humble servant.

(ass.) Barzillai Cottle
Director Col. P. D. Pedro
Santa Catherina 28th Feby.
1868.

(Conforme original)

- (1) CABRAL escreveu viciado pela imagem alemã da Colônia Itajahy. GEVAERD iniciou o estudo das levas polonesas da Colônia Príncipe D. Pedro, no que foi continuado sabiamente por KRIEGER GOULART, sem analisar as demais levas e a própria administração. Tudo está por se fazer.
- (2) A colônia nunca foi denominada de "Colônia Irlandesa", como querem alguns atuais. Mesmo porque não eram a maioria. Preferimos cognominá-la "Colônia Americana", isto é, de língua americana, apesar das levas de re-imigrantes europeus.
- (3) Ofício [...] da Presidência da Província. Eram famílias e não apenas "solteiros, soldados e ex-voluntários". A estrutura familiar não é causa primeira do abandono dos lotes coloniais. Veja anexo.
- (4) É fraca a tese de que os alemães eram ordeiros e os irlandeses, brigões. Deve haver novos argumentos para explicar a rivalidade entre ambos. Evasão de colonos sempre houve em qualquer colônia da Província. Expulsão em massa, somente na Colônia Príncipe D. Pedro e ainda sem motivos reais. Vadi-

agem é vício de comportamento mas não ter onde e com o que trabalhar é erro de sistema.

- (5) Relatório do Ministro da Agricultura para a Assembléia Legislativa, referente ao período 1866-1867.
- (6) Idem, Ibidem.
- (7) Ofício de 13/04/67 da colônia Itajahy.

FONTE:

- * Documentos do autor
- * Coletânea do Arquivo Histórico D. Jaime de Azambuja, Brusque.
- * Pasta de Documentos da Colônia Itajahy da Sociedade Amigos de Brusque.
Aloisius Carlos Lauth
Museu Arquidiocesano
D. Joaquim

Aconteceu...

Outubro de 1986

— DIA 1.º — No anfiteatro da FURB, teve início a Primeira Semana de Estudos Científicos e Tecnológicos, promovida pelo Centro Tecnológico e pelo Centro de Ciências Exatas e Naturais daquela Universidade.

* *

— DIA 1.º — Com o objetivo de animar a "Oktoberfest", chegou a Blumenau a famosa orquestra alemã Kapelle Gotzbuam da cidade de Jagsthausen. A referida orquestra estava composta por 18 músicos.

* *

— DIA 3 — Com a presença do prefeito Dalto dos Reis, autoridades estaduais, políticos e grande público, foi aberta a maior festa típica da cerveja do país, a "Oktoberfest", a terceira realizada em Blumenau, prevendo-se sucesso sem precedentes, de público durante as três semanas de duração.

* *

— DIA 3 — Numa iniciativa das mais simpáticas e que teve a mais favorável repercussão na comunidade, foi a instalação, a partir deste dia, em vários pontos da cidade, sob os auspícios da Sul Fabril, de relógios marcando eletronicamente as horas e a temperatura.

* *

— DIA 5 — Com grandes festividades e a participação popular em massa, foi inaugurada, pelo governador Esperidião Amin, a já famosa Estrada do Rio do Rastro, que, a partir de então, liga a cidade de Lauro Mueller à de Bom Jardim da Serra, verificando-se a elevação, entre uma e outra, de cerca de 1.500 metros, com cerca de 24 quilômetros de extensão.

* *

— DIA 5 — Com os passeios da rua 15, em toda extensão totalmente tomados pelo numeroso público, realizou-se o grande desfile de carros alegóricos em regozijo pela realização da Oktoberfest em Blumenau. Sucesso sem precedentes, de beleza, organização e presença de público.

* *

— DIA 8 — Para animar a Oktoberfest de Blumenau, chegou a

famosa Banda alemã "Helmuth Hegl und Seine Musikanten". Esta famosa banda, é a que anima, anualmente, a Oktoberfest, da cidade de Munich, de onde a mesma procede. A chegada desta Banda, como aconteceu com as outras três que vieram, foi festivamente aclamada pelos blumenauenses.

* *

— DIA 10 — Como conseqüência de violento temporal desabado no sul do Estado, com maior incidência no Vale do Araranguá, mil pessoas ficaram desabrigadas, as águas invadiram a pista da BR-101, formando filas imensas de veículos de todo porte, ao longo de vários quilômetros.

* *

— DIA 17 — Apesar das chuvas que caíram à entrada da noite, a abertura dos Jogos Abertos de Santa Catarina, edição 1986, constituiu-se num belo espetáculo. Mesmo com público regular, o entusiasmo pela apresentação das delegações municipais, foi destaque.

* *

— DIA 19 — Encerraram-se as festividades da Oktoberfest 1986. O sucesso foi total. Cerca de 70 mil pessoas participaram do encerramento, e a presença, durante os 17 dias, foi de cerca de 800 mil pessoas. O consumo de chopp foi de cerca de 500 mil litros.

* *

— DIA 21 — Foi nomeado pelo prefeito Dalto dos Reis o novo Reitor da FURB. A escolha recaiu na pessoa do professor José Taffner, tendo sido designado para vice-reitor o professor João Fronza.

* *

— DIA 24 — Normalistas formados em 1961, no Colégio Pedro II, reuniram-se, numa das mais belas iniciativas, para festejarem o jubileu de prata dos formandos. O acontecimento foi marcado com missa festiva na capela do Colégio Santo Antônio e homenagem que as formandas e os formandos receberam no Colégio Pedro II, pelos alunos de hoje.

* *

— DIA 26 — Com estupendo desempenho de seus atletas, Blumenau conquistou a 22.^a vitória nos Jogos Abertos de Santa Catarina, realizados em Joinville. Foi a 19.^a vitória consecutiva. A delegação blumenauense, nas várias modalidades em que interviu, somou 225 pontos, no final, contra 178 do segundo colocado, que foi Joinville. Blumenau obteve 72 medalhas de ouro, 28 de prata e 32 de bronze e ainda 15 troféus. Os atletas blumenauenses foram festivamente recebidos em Blumenau.

* *

— DIA 27 — Depois de dezenas de anos como um irremovível desafio aos diversos prefeitos que projetaram a obra, finalmente o prefeito Dalto dos Reis conseguiu realizar as aspirações dos moradores do bairro Garcia: a rua Hermann Huscher, devidamente retificada e pavimentada, tornando-se assim uma excelente opção de acesso à cidade e vice-versa. A inauguração aconteceu às 18 horas e os aplausos e cumprimentos ao chefe do Executivo foram volumosos e muito merecidos.

A nossa mensagem



Estamos chegando ao final de mais uma etapa de trabalho e dedicação em busca do cada vez maior e melhor aprimoramento das gerações que se sucedem; procurando identificá-las com o nosso passado (Arquivo Histórico e Museu da Família Colonial) e a preparação da cultura generalizada do presente, para o futuro, através da Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e todo o seu acervo.

Não podemos nos queixar da retribuição dada pelos consulentes blumenauenses pelas ofertas que temos feito, com a restauração de tudo o que aqui, nos anos de 1983/84, foi destruído, parecendo-nos que jamais conseguiríamos reerguer tudo. Mas o resultado aí está: a comunidade e os poderes constituídos ouviram nosso apelo e contribuíram para a construção do maravilhoso prédio que hoje abriga o nosso arquivo e a nossa biblioteca.

É por isso que retornamos hoje com a nossa costumeira mensagem de fim de fim de ano, mais entusiasmados, ainda mais agradecidos e possuídos de maior força para continuarmos nosso trabalho, agora só para melhorar cada vez mais todos os setores da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Todos esses benefícios, todos os melhoramentos que daqui por diante conseguirmos, será sempre em benefício das gerações de blumenauenses de hoje e de amanhã.

Finalizando: um agradecimento especial ao prefeito Dalto dos Reis, cujo apoio e incentivo nunca nos tem faltado desde que assumiu o governo municipal; outro agradecimento aos prezados Conselheiros sem cujo apoio e incentivo, também seria difícil, quase impossível chegar aos dias de hoje com estas realizações. O último agradecimento é sempre ao Maior Arquiteto que nos deu forças e coragem para vencer os óbices e tornar realidade o sonho de tantos: Deus.

É a Ele que rendemos toda nossa homenagem e devoção, porque, sem Ele nossos amigos também não encontrariam as forças e a boa vontade que os inspirou para ajudar a obra da Fundação "Casa Dr. Blumenau"!

Um feliz e alegre fim de ano e um novo ano repleto de saúde e paz para todos!

ÍNDICE

Figuras do passado: O casal Rudolf Guenther e Wilhelmine Guenther — Frederico Kilian	2
O primeiro cirurgião de São Francisco do Sul — Antônio R. Nascimento	10
Comunidade Evangélica: Sociedade Evangélica de Senhoras em Blumenau — Tradução do folheto festivo da Comunidade	16
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	18
Fatos que a História registra: Basílio Correia de Negreiros, mito Histórico? — José E. Finardi	19
A história de Blumenau registra — Cartas do Dr. Blumenau ...	23
A figura de Gotlieb Reif descrita por Ferdinando Müller	25
Aconteceu — Dezembro, 1985 — José Gonçalves	27
A origem de um império comercial: Casa Hoepke S.A.	28
Livros doados — Estantes enriquecidas — Redação	31
BLUMENAU — Paul Singer	32
Família Bovee: Holandeses com 37 anos de Brasil	34
Os 75 anos da firma Walter Schmidt Ltda. — Redação	35
AEMA relata seu trabalho em 1985 — Redação	36
Da história de Santa Catarina a mais antiga colonização evangélica alemã — Pastor Hermann Stör	37
A educação no município vai bem, obrigado! — Redação	41
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	42
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	44
Fanáticos destroem Colônia no planalto	45
Os 75 anos do jornal "Kolonie Zeitung" — Trad. "Der Urwaldsbote"	46
Historiador catarinense é destaque na imprensa especializada nacional — Redação	47
Falecimentos no começo do século	48
O incêndio de 1937 no Colégio Santo Antônio — "Der Urwaldsbote"	50
A história de um pioneirismo narrada pelo Pe. Stanislaw Schaepte — (Tirado do livro "comemorativo do centenário da imigração alemã em Santa Catarina"	51
O cometa Halley em 1910 — Tradução do "Der Urwaldsbote" ...	52
O desenvolvimento da agricultura no Brasil	53
Engenheiro blumenauense é destaque no Paraná — Redação ...	55
Aconteceu — Janeiro, 1986 — José Gonçalves	56
A idade não importa para quem vê a vida com alegria — Redação	57
BLUMENAU — Paul Singer	57
A Família Bohn em Santa Catarina — II — Antônio F. Bohn ...	66
Waldemar Annuseck — Meio século de fiel dedicação ao trabalho — Redação	69
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	72
Atuação das creches nos Centros Sociais em 85 — Redação	74
"Eram os deuses astronautas" — Alfredo Wilhelm	75
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	76
Economia — Indústria — Comércio no passado	78
As bodas de diamante do casal Stutzer — "Der Urwaldsbote" ...	79
Era uma vez um simples caminho — Elly Herkenhoff	80

Em questão, o museu do tecelão — Aloisius Carlos Lauth	84
O que a imprensa historiou no passado — “Der Urwaldsbote”	87
Figuras do Passado: Alice Hering — Frederico Kilian	93
Aconteceu — Fevereiro, 1986 — José Gonçalves	95
BLUMENAU — Paul Singer	96
Histórico da cidade de São Joaquim — Maria Batista Nercolini ..	98
Curso de flores — Tradução do “Blumenauer-Zeitung”	108
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	109
Agremiação Agrícola e Caixa de Poupança — “Der Urwaldsbote” ..	110
Inauguração do prédio da Fundação “Casa Dr. Blumenau” — Redação	111
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	118
Os 20 anos do centro de estudos do hospital Santa Isabel — Dr. Walmor Belz	122
Aconteceu — Março, 1986 — José Gonçalves	123
BLUMENAU — Paul Singer	127
Aspecto sócio-econômico da grande Blumenau na década de 1930 ..	130
Figuras do Passado: Christina Deeke Barreto (Da, Crista)	139
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	139
“Hospital Santo Antônio” — Edith Kormann	142
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	146
Tiro ao alvo: uma tradição secular — Ely Herkenhoff	148
Aconteceu — Abril, 1986 — José Gonçalves	151
Basílio C. de Negreiros, um mito histórico? — Rolf Odebrecht ..	154
Centro Catarinense do Paraná — (Carta) — Horst Ingo Kilian ..	157
BLUMENAU — Paul Singer	158
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	162
Desastre ferroviário — Tradução do “Blumenauer Zeitung”	163
A intertextualidade bíblica — Marcos Konder Reis	164
Pomerode e sua colonização — Tradução do “Der Urwaldsbote” ..	166
A política no passado — Extratos de jornais de 1914 e 1919	167
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	168
“O índio, meu vizinho” — Maria do Carmo R. K. Goulart	170
Figuras do Passado: Dr. Udo Deeke — Frederico Kilian	175
Eng. Alfons Steiner — Redação	177
Contatos — Alfredo Wilhelm	178
Aconteceu — Maio, 1986 — José Gonçalves	179
Augustinho Schramm, uma figura inesquecível — José Gonçalves ..	181
O menino Athos — Antônio R. Nascimento	184
BLUMENAU — Paul Singer	187
Os primeiros anos de colonização de S. Francisco do Sul	194
São Joaquim e seu centenário — Antônio Roberto Nascimento ..	196
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	197
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	199
Aconteceu — Junho, 1986 — José Gonçalves	200
À Memória do Dr. Fritz Müller — Dr. Hugo Gensch	202
Autores Catarinenses — Adair José de Aguiar	207
Inspiração jovem que exalta São Joaquim — Angelita G. Camargo ..	209
São Miguel do Oeste — Maria Elizabeth Bresolin	210
BLUMENAU — Paul Singer	220

VIVÊNCIA — Afonso Rabe	226
Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina tem nova diretoria — (Carta dirigida à redação)	227
Cartas do Eng.º Krohberger ao Diretor da Colônia (agosto-1866)	228
Figura do Presente: Manoel C. S. Krieger — Edith Kormann	230
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	233
Antiga ponte do Salto — Tradução do "Blumenauer Zeitung"	234
Um blumenauense como almirante de quatro estrelas	235
Inauguração do sino da igreja de Itoupava Rega em 15-7-1913	236
A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes — (Carta do Prof. Ferdinand Ostermann para seus pais - 1853)	237
Albany inaugura nova fábrica e entra para a história do parque industrial do Vale do Itajaí — Redação	242
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	246
Aconteceu — Julho, 1986 — José Gonçalves	248
Notas extraídas do "Der Urwaldsbote" (Necrológio)	249
BLUMENAU — Paul Singer	250
Alferes de Milícias Athanagildo Pinto Martins — Maria E. Brezolin	255
Fernando Knoll, Professor na colônia alemã de São Pedro de Alcântara — SC — Dr. Raulino Reitz	258
Aconteceu — Agosto, 1986 — José Gonçalves	269
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	270
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	272
Cs 136 anos de Blumenau na palavra do prefeito Dalto dos Reis	274
Mateus José de Sousa, o povoador serrano — Antônio R. Nascimento	276
O passado registrado pela nossa imprensa — "Der Urwaldsbote"	278
A História de Blumenau na correspondência dos Imigrantes (1854)	282
Doações à Biblioteca Pública — Redação	285
Frieda Zimmermann: A primeira Miss Blumenau — Sueli Petry	284
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	286
Aconteceu — Setembro, 1986 — José Gonçalves	289
Brusque e sua História — Gustavo Schloesser (Abril de 1986)	291
Figuras do Presente: Alfredo Radloff — Edith Kormann	293
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	294
Para meu neto Peter Kuhles Ebert — Edith Ebert Kuhles	314
Grande sucesso da Oktoberfest — Redação	316
Figuras do Passado: Henrique Voigt — Por Rolf Odebrecht	318
Subsídios Históricos — Coord. e tradução: Rosa Herkenhoff	319
Blumenau mais uma vez campeã dos Jogos Abertos — Redação	320
A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes (1853)	321
A Trajetória Constitucional Brasileira da Constituição de 1824 aos nossos dias — Carlos Alberto de Melo	332
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	332
Contribuição à história da colonização polonesa — B. Mrówcynski	336
O último Capitão-mor de São Francisco do Sul	344
Da Agenda do meu Avô — Ruth Sallientien	350
A evolução do ensino público e particular - "Blumenauer Zeitung"	353
A Colônia Príncipe D. Pedro — Aloisius Carlos Lauth	363
Aconteceu — Outubro de 1986 — José Gonçalves	371

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA